CONTEMPORANEA

NATAL 1922

ERNESTO DO CANTO
"BAIXO-RELEVO"

SOMBRA E CLARÃO

De mãos dadas, lá vão avó e neta,
—A Saudade e a Esperança de mãos dadas!—
A neta é loira, a avó tem cans prateadas;
Uma leva a boneca, outra a muleta.

Uma arrasta-se e a outra salta inquieta;
Aos suspiros vai uma, outra ás risadas;
A avó desfia contas desgastadas,
E a neta colhe iriada borboleta.

Uma vae confiada, outra bisonha;
Uma lembra-se, triste, e a outra sonha;
Leves asas tem uma, outra coxeia...

E eu que as vejo passar, com mágua infinda
Penso que a avó talvez já fosse linda,
E que a neta talvez venha a ser feia!

EUGENIO DE CASTRO

CONDE DE MONSARAZ

Cantares

Tanta chuva e tanto vento
Em terras de Portugal!
Troveja o ceu agoirento,
Ano bom, começas mal.

Começas mal; as desgraças
Ninguem no mundo as prediz...
O' vendaval, porque ameaças
As terras do meu paiz?

Do meu paiz mar em fora
Barcos e vidas impeles.
Ai! mas se o mar os devora,
Santo Deus, que ha-de ser deles!

Que ha-de ser deles, dos tristes,
Dos desgraçados que vão
Barra fora, ó Deus que existes
Dentro do meu coração.

Do seu coração que em trevas
Fica no mundo a chorar
Quando os arrastas e os levas
Por sobre as aguas do mar.

Aguas do mar das sereias,
Das aventuras, das lendas,
Oiro por baixo ás mancheias,
Por cima flocos de rendas.

Flocos de rendas, que espalha
O vento no mar á solta,
Para tecer a mortalha
De quem vae e que não volta.

Que não volta porque fica
Boiando á luz das estrelas,
Na sua mortalha rica,
Olhos pasmados a vê-las;

A vê-las, olhos pasmados,
Sem nunca mais os fechar...
Ai! tristes dos afogados
Boiando á tona do mar.

Do mar ha muito queixume,
Muita alma aos gritos e aos ais;
Que agrida as rochas, que espume
Que eu embarcar nunca mais!

Nunca mais! Vê-lo de largo
Sim, ou dos altos da praia,
Sorver-lhe o halito amargo
Quando ele se ergue e desmaia;

Se ergue e desmaia, caindo
Num fracasso de tormenta
Sobre os rochedos... E' lindo,
E' lindo mas não me tenta.

Não me tenta, nem comigo
Tudo o que eu amo e que é meu;
O coração em que abrigo
Todo o bem que Deus me deu.

Que Deus me deu muito bem
Ele e eu é que o sabemos;
Mas quanto mal nos provem
De velas, barcos e rêmos!

Barcos e rêmos hei visto
Perdidos na cerração,
E neste mundo de Christo
Muita bôca sem ter pão.

Sem ter pão nem alegria...
Foi-se ha muito barra fora;
E' natural que não ria
A bôca, se a alma chora.

E a alma chora! bem basta
Que a torture e que a apunhale
A miseria que se arrasta
No Reino de Portugal;

De Portugal, que hoje vive
A esfacelar-se e derrama,
Aos tombos por um declive,
O sangue heroico na lama.

Na lama! que triste sina
Esta que vamos cumprindo
Emquanto nos ilumina
Um sol tão claro e tão lindo!

Tão lindo sol não existe
Noutro cantinho do mundo,
E entanto a nossa alma é triste
E o nosso luto é profundo.

É profundo o desalento
Que nos toma neste azar;
E olho em roda e não dou tento
De quem nos possa salvar.

Salvar, talvez nos salvasse
O amor destemido e ardente
Da Patria, se germinasse
No coração desta gente;

Desta gente que era vê-la,
Em tempos que já lá vão,
A arfar numa cidadela
Ou na proa dum galeão.

Dum galeão a navegar
Tranquilo para a Conquista,
Que tantas vezes o mar
Enguliu com terra á vista.

Com terra á vista outras vezes,
Dentre brumas e escarceus,
Salvou os bons portuguezes
Que iam na graça de Deus.

Na graça de Deus! Se a cruz
Em sangue os velas esmalta,
E' porque a gloria os conduz,
E' porque Deus lhes não falta.

Não falta, não: mas agora
Outros tempos, outras leis...
No mal que nos apavora,
Deus do ceu, não nos deixeis.

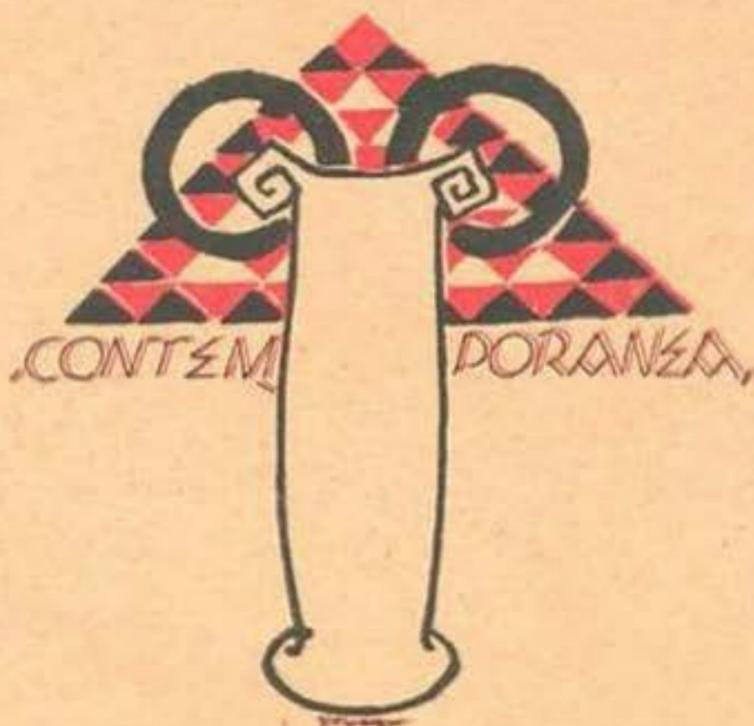
Não nos deixeis! Ai! dos tristes,
Que ao vir a morte que os vença
Se negam que tu existes,
Almas famintas de crença.

Famintas de crença, vão
Desgarradas, torturadas,
Sem fé nem consolação,
Batidas pelas nortadas!

Nortadas e a nevoa negra
Passam na terra viuva
Do sol, que a fecunda e alegra...
Tanto vento e tanta chuva!

Tanta chuva e tanto vento
Em terras de Portugal...
Troveja o ceu agoirento,
Ano bom, começas mal!

Dum autógrafo inédito

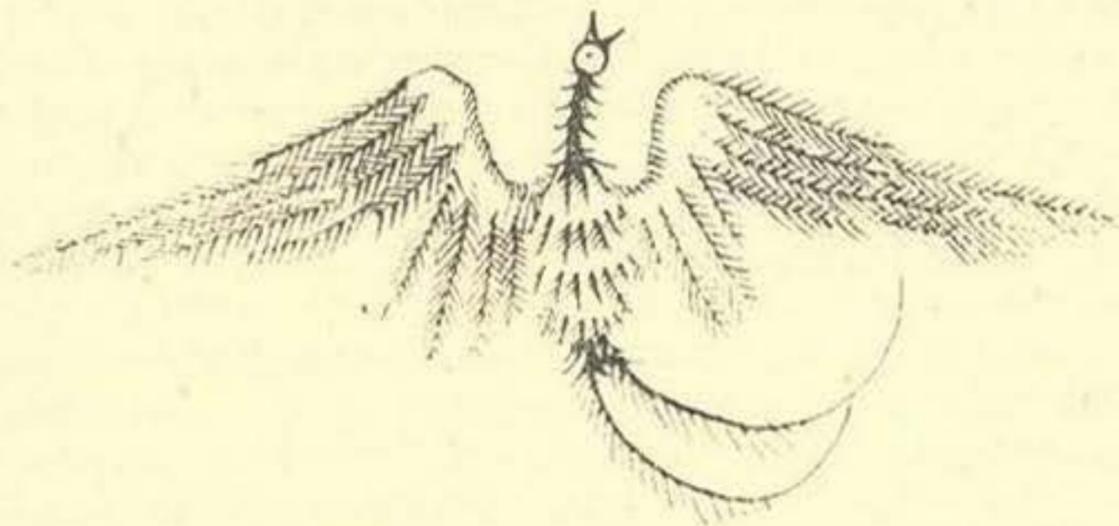
Natal

Nasce um deus. Outros morrem. A Verdade
Nem veiu nem se foi: o Erro mudou.
Temos agora uma outra Eternidade,
E era sempre melhor o que passou.

Cega, a Sciencia a inutil gleba lavra.
Louca, a Fé vive o sonho do seu culto.
Um novo deus é só uma palavra.
Não procures nem creias: tudo é occulto.

FERNANDO PESSOA

Contemporanea

ALMADA
"DESENHO"

TRIUNFAL

Tinha Deus posto Adão e Eva no jardim das delicias. O homem era esbelto e solido posto que nunca exercesse os tendões na marcha, nem apurasse os biceps a colher o antilope no laço; a mulher esgalgada e especiosa, que os cabelos vestiam de oiro à maravilha, sem parra, e sem cinabrio na bôca que de seu natural era rubicunda.

Tinha-os, pois, Deus posto no paraizo e ali viviam na plenitude dum goso inapreciavel porque nunca espinho, sol mais destemperado ou hora amarga lhes ensinara que aquilo era o sumo bem. De tudo quanto desejavam, o senhor os provia instantanea e abundantemente como o mais solicito mordomo; não admiravam, porque tudo era admiravel; jubilos, ternuras, esperanças não sentiam, que Deus gerara a vida, mas ainda não concebera a morte. No céu, sempre azul, o sol trazia o dia, levava o dia, sem ferir um momento as suas pupilas bem-aventuradas. Eram ditosos, dum regalo tão sem limites que não sabiam avaliar, mas em que criam de boa fé porque o senhor Deus lho disséra.

De beatitude tão absorta, apenas um aviso de Deus os distraía na funcção leve dum cuidado:

— Gozai, mas, cautela, não levanteis a mão para a arvore da sciencia. No dia em que tal fizesseis, ficarieis envenenados do bem e do mal. Tu, homem, terias de regar a terra com o suor do corpo; tu, mulher, ver-te-hias votada á condição da criatura mais fragil e cativa entre todas as criaturas.

— Mas, senhor, — retorquiu nosso pai, que era um molôsso fiel — indicai-nos qual é o fruto defeso, e nós juramos não lhe tocar.

— É aquele — respondeu o pai celeste — que vos apetecer na hora mais perfumada do dia. Sereis tentados a come-lo por serpentes, abelhas, aves... a conjura toda dos elementos.

— Assim é saboroso o fruto prohibido? — inquiriu Eva curiosa.

— Saboroso; mas no caroço escondem-se todas as peçonhas da dor. Mal o provasseis, o vosso seio tornar-se-hia no ninho infernal dum mundo misterioso e

tumultuario. E eu mandaria escorraçar-vos daqui pelos guardas. Gosai, mas cuidadinho, sede respeitadores dos meus enigmas.

Retirou-se o Padre eterno para a excelsa morada, no meio da cohorte de arcanjos e de serafins que fungavam em trombetas e saxofones de prata. Adão e Eva, divagando no jardim das delicias, em que as fontes trauteavam minuetes, ao espraiarem-se sobre as areias de oiro e as arvores eram andores garridos e pasmados, meditavam:

— Vá lá saber-se que fruto é! Se lhe conhecessemos aldemenos a côr!...

Eva, relanceando olhos escrutadores aos pomos, sazonados e sem bichos que se lhe ofereciam de muitos ramos, murmurou:

— Assim miraculoso e vedado muito bom deve de ser!

— Oh! deve — assentiu o homem, abanando a fronte espessa.

E desde então, o entendimento deles palpitou por saber qual era o fruto que ocultava a raiz do bem e do mal e o germen da sabedoria. Mas na variedade infinita do Éden todos os pomos eram saborosos e cometedores. De todos lhes diziam os picansos e os vespões, que neles se banqueteavam:

— Como sabem bem! Como sabem bem!

Mas qual fôsse, os divinos habitantes não atinavam. E porque não atinassem, um suave espinho começou a pungir sua dita inalteravel. Em seu cuidar, o receio de involuntariamente poderem trahir o amo era o que mais enrugava a face lisa de seu mar de doçuras. E, se carne e alma permaneciam imaculadas, já sentiam ás vezes o gume dos dias a cortar sua felicidade.

A's temporadas o Senhor descia a visitar os colonos; e havia grande arraial no jardim das delicias, em que, do grilo ao diplodocus, os animaes todos tomavam parte. Adão e Eva entoavam um *Te-Deum* festivo a que faziam côro os leões e os elefantes debonarios. E sempre Deus se retirava contente, confiando o linho da barba, e rebolando a menina do olho na fronte sumptuosa de ancião.

Duma dessas visitas, quando os três percorriam uma das aleas do parque, abobadadas de frutos, Eva rogou:

— Mas, Senhor, dizei-nos qual é o pomo prohibido?

De má catadura, atalhou o Senhor que seriam reprobos no dia em que o soubessem. Eva, entretanto, que estava pódre de mimo, começou a colher frutos e a lançar-lhos aos pés. E, cortando, cortando sempre as assucaradas peras, as romãs palidas, as camoesas ingenuas, interrogava:

— É este, Pai do Ceu?

E invariavelmente, Deus respondia, sevéro mas não irado:

— Não, Eva, não.

Nossa Mãe, porém, que era sagaz, notou, ao colher os pomos que estavam altos, para atingir os quais forçoso lhe era alçar-se sobre um pé e descobrir a axila tufada de velo loiro, que o olhinho de Deus boiava mais luminoso na testa luminosa. Aproximar-se-hia deste geito do fruto proibido?

Deus porem, não o confessava e lá iam arrastando o temor de ser maus servos e a curiosidade de devassar um misterio de tal guisa ponderoso. Estes dois sentimentos mitigavam-lhes a beatitude exhaustiva de colonos do jardim das delicias. E a aza do tempo mais a sentiam perpassar.

Uma tarde, á doce sombra das olaias scismavam na tentação em que tinha de colaborar a criação inteira e que levantaria em suas almas a seára emmaranhada do saber.

Franjada de tons sépia, suando um subtil torpor sobre as rosas e as asas das abelhas, passava no ceu uma nuvem. Os animais enlanguesciam em sonambulo goso. Na orla dum ribeiro apenas duas gazelas se perseguiam, arrifando. Agastadas,

as flôres descaiám sobre a terra, voando no ar o polen e os arômas. E, pelas fendas das rochas — que todas eram no Éden de agata e alvo alabastro — os lagartos confundiam suas casacas verdegaio.

Adão e Eva, numa lassitude que lhes envincilhava os membros ageis, contemplavam de pupila semi-morta o tregeito estranho dos seres. A nuvem ancorára sobre eles, impedindo de voar para o throno de Deus a sortida perfumaria do Éden. Como cobras somnolentas, os balsamos rastejavam e envolviam os corpos nús e candidos de nossos pais.

— Estamos enredados em hera — balbuciou a mulher.

— São cordas de sol que passam pelo arvoredo — respondeu Adão.

Na riba encantada duma lagôa, a libré vistosa de dois crocodilos palpitava, e a meio dos bosquedos suspiros novos feriam o silencio.

— Ai!, anda-me o lume no rosto! — tornou a gemer Eva.

— Qual lume! São os incensos que encontram fechada a porta dos céos — respondeu Adão.

A nuvem baixou ainda, até poisar sobre a cópa das arvores. Uma luz indecisa banhava o paraizo.

— Que nuvem tão carregada! Abafa-me!... — lamuriou Eva.

— Cala-te; é a escada por onde Deus desce a visitar-nos.

As cobras enroscavam-se umas nas outras e os pardais espenujavam-se, bicando-se, por entre os ramos floridos.

No peito lansudo de Adão as narinas de Eva ruflávam. E com meiguice nova, as formas cheias dela roçavam a musculatura sêca de nosso pai. Adão mordeu-a nos bicos dos seios e ela proferiu em voz quebrada:

— Que sabor terá o fruto misterioso do bem e do mal?

— Quem sabe lá!

Como estivessem muito proximas, as fontes frescas de suas bôcas juntaram-se. E conheceram que era melhor que o mel, que era o inefavel. Sob o peso de Eva, mole e suavemente Adão estirou a perna num esticão suave; maliciosa e a rir, como a agua nos seixos, nossa mãe apertou-lha entre as suas, pronunciando:

— Olha como as serpentes se misturáram!

E Eva, á semelhança, tentou enliçar-se nos membros rijos de Adão. A nuvem misteriosa, recurvando as pontas, lançára sobre o parque um velario, onde as laranjas lusiam como pequeninos sois a distancia. Um suspiro de mil suspiros errava no ar.

E Eva, a tentadora e a subtil, disse para Adão:

— Faze-me como as serpentes e como a nuvem.

E o homem obedeceu. Na encontrada dualidade, dôr e volupia, daquele abraço presentiu Eva que haviam descoberto o perigoso fruto. Mas o sumo bem, que se lhe deparára, tolhia-a de voltar atraz. O temor de arrostar a cólera de Deus e o orgulho de lhe devassar os enigmas mais fogo traziam, ainda, á sua febre.

A nuvem oscilou sobre eles e cambiaram as tintas; de escarlate, o ar coloriu-se do oiro do conseguimento, depois, do fosco da saciedade; e a nuvem alcandorada um instante, como enorme avejão, desamarrou e librou-se nas alturas.

Arquejantes, nossos pais comprehenderam que haviam tragádo o pomo em que se encerrava a peçonha do bem e do mal. Uma paz inquietadora paralisava o jardim das delicias. E transidos de ancia, nossos pais ficaram esperando.

Por cima deles repercutiu então, um trovão formidavel que os lançou um contra o outro a bater os dentes de medo. Robles e olmos lascavam em sinistro fragôr, e as aves, alucinadas, corriam o espaço como setas numa batalha.

Um serafim, de cenho raivoso e couraçado, voou direito a eles. E, á espa-

deirada, os enxotou para fóra do horto, em volta do qual apareceram de golpe muros altos, insuperaveis.

Eva, suplicante ajoelhou:

— Perdão, senhor anjo! Se pecámos foi por não saber...

— Por não saber! — ribombou a voz de Deus — entre nuvens. Preverso e astucioso o teu coração adivinhou antes da tua carne sentir. Ha muito que a tua alma sofria a procurar. Encontrastes, agora ide, ide para o mundo sem fim, sofrer, lutar, correr por entre mil tormentas para a tenue emboscada dum gôso.

Eva soluçava. Adão, sacudindo a cabeça num rasgo de decisão, travou dela nos braços:

— Que importa, se conhecemos o amor, se decifrámos o enigma da vida! Que importa, se somos iguaes a Deus!

No mesmo momento, a criação inteira rompeu em pós eles. E até as aves em seu cantar pareciam dizer:

— Tambem iremos, oh homem, para o mundo sem fim. Amor, tu és tudo!

As cancelas do divino horto fecharam-se de repelão; a terra e o céo ardiam; as ondas no mar ardiam.

Ao frio e ao vento, nossos pais repetiram o áto rebelde; a creação imitou-os. Ao fim desse amplexo que povoou o mundo, uma voz melopaica murmurejou, subiu em acento, explendeu num hino a vida toda. E era uma triunfal:

— Amor, amor, és tudo! A ti rendemos dôr e alegria! Amor, és tudo!

AQUILINO RIBEIRO

MANHÃ

Oh, a frescura intensa da manhã,
Batendo, lado a lado, toda a estrada!
— Inda ha pouco apanhei uma braçada
De alfazema florida, ingenua e sã...

Abre, no céu, a fulgida romã
Que em beijos de oiro se desfaz, cançada.
Oh, como eu sinto agora remoçada
A minha fé tranquilla de christã...

Nos silvados despontam as amóras.
Começa, ao longe, a vibração das nóras,
Todo o campo se alegra e se illumina!

Passam pardaes a grazinar em bando,
Um rebanho, um pastor, de quando em quando,
— E cheira a matto, a fructos, a resina...

Virginia Victorino

ROMANCE HEROICO

POR CARLOS MANOEL RAMOS

PODE ainda acreditar-se na amizade, no amor?

Clara, a bem chamada Clara, acredita. Deus a puzera no caminho de Roberto Schumann. Se decifraria ele a misteriosa adivinha, quando "lunatico professor de charadas", extendia aos pés da pequena infanta os tesouros orientaes da sua imaginação? Historias apavorantes, cento e um enigmas, mil e uma noites. De longe, vinham de longe o encanto d'ele, a devoção de Clara, o pacto sem palavras. Uma tarde, voltando os dois do campo, a creança de treze anos exclamava: "que feliz eu sou! que feliz eu sou!" E como o musico dos Impromptus olhava sempre em frente, desatento ao caminho pedregoso, Clara a cada perigo o prevenia, guiando-o pela manga. Assim caminharam toda a vida.

Em quantos transes escurentam a mocidade do artista não lhe falta ao lado o calmo lazarilho. Clara aparece e os fantasmas não são mais que brumas a dançar ao vento, as abafadas ameaças um sussuro de folhas mortas a dançar ao vento. Protagonista por sua vez d'uma arripiante historia, quem o liberta dos impalpaveis quarenta ladrões? Na noite de agonia, a visão que afugenta o macabro tropel quem é? Por isso Schumann pensava em Clara "não como um irmão pensa na irmã, não como um amigo pensa na sua amiga, mas como um peregrino pensa no longinquo retábulo do altar-mor". Por isso, quando Clara viaja por longe terras, os gritos dos postilhões o excitam como o mais exquisito Champagne: são os desejos de tudo o que não possue, cruzando o ar! Escreve-lhe como a ninguem, cartas maravilhosas em que certas palavras se alongam como semi-breves, outras se ligam em faladoras tresquialteras, mais alem diatonicamente devaneiam. Mas quando verdadeiramente, verdadeiramente, pensa em Clara, então corre ao piano e é como um rasgar de nevoeiros, um dispersar de musicas ao longe, emquanto em acordes de nona se confessa o mais intimo Roberto Schumann, o verdadeiro. Clara é o mais profundo d'ele mesmo. Ela o atrae para o seu destino, a doce Chiarina a cuja voz se dissolvem no ar as letras dansantes. A cuja voz os espiritos se inclinam e partem. Aqui, portanto, faremos as nossas despedidas a Walt e a Vult, a Pierrot e Arlequim, a quantos mascarados famulos nos teem acompanhado, afectuosos ou medonhos, *Comoedia finita est, amici.* E para vós, Eusebius e Florestan, seja um longo despedimento. Bom Eusebius, estouvado Florestan que fizeste afinal tão bem o teu papel, que em cada risco tiveste o impeto salvador, generoso, bravo Florestan, adeus! E tu, duende bem amado, descança em paz! o teu Roberto, a sua vida nas mãos de Clara, cumpre o sonho da tua. No fundo da sua alma uma nova musica desperta, como no mais recondito do oasis ascende a agua da cisterna.

Que venham as mais cruciantes angustias! Que á não esquecida Rosalia, ao irmão, a Schuncke, o mais amigo, vá juntar-se a Mãe! que o já remoto lar de Zwickau desapareça como um ponto branco no passado! que a sua alma devastada seja um montão de ruinas! Quebre-se mesmo a sua esperança em Clara! Sobre as trévas paira o luminoso vulto. Ela dá um sentido aos clamores da selva escura.

De novo Schumann, um transformado Schumann, mergulha na natureza de eternas resonancias:

Entre todos os sons que vibram
no confuso sonho da Terra
uma murmurada nota sôa
para aquele que intimamente escuta.

A *Fantasia em dó* é o sonho da Terra. Ondas de sonho, ondas de harmonia, encapelando-se, bramindo, disputando-se uma ás outras a alma humana que as sulca. Mas a alma heroica, atravessando os sonhos, arrancando-se aos sonhos, arquejante sob o pesadelo da Terra, escuta a abençoada nota que murmura. Tão funda, tão funda vae para ela a apaixonada suplica que a tempestade se quebra em largos silencios expectantes. Oh como é bom, apesar de tudo, recordar ainda aquele antigo sonho que nunca mais se tornará a sonhar! Aquela intima palpitação que um dia foi toda a vida, perdida, abandonada para sempre num passado inapelavel, inapagavel! Aquela melodia que foi nossa, hoje uma lenda qualquer, anonima balada d'outros tempos! Nunca mais! nunca mais! Mas sempre, sempre, a revoada branca das saudades encontra a morada hospitaleira entre as heras, entre os musgos da esquecida ruina. Sempre, sempre, sempre, a velha melodia! Oh rasgar a alma infindavelmente nos gumes da reminiscencia! E a dôr redobra e a tempestade estrondeia e, com o grito voluntario da paixão, a alma se arremessa para os turbilhões de melodia que de toda a parte se precipitam a enlaçá-la. Atravez dos sonhos, para ela, para ela, a murmurada nota que os domina. É a lucta frenetica entre a vida e a morte, a tragedia eterna da alma entre a esperança e a perdição. É o grito que Schumann lança *de profundis* para o que ha de melhor em si mesmo — Clara! Ele tem esta bussola: a tempestade que importa? Luctar e ter um rumo! O mundo não mais é um tablado de aparencias tão depressa desmoronadas como erguidas — é um arco de triunfo na amplitude orquestral. Espairecido o coração, abandonemo-nos aos lentos afagos do anoitecer, os olhos postos naquela constelação que forma, alem sobre o horizonte, uma como corôa de estrelas!

Um rasto de estrelas é quanto resta do pesadelo da terra. O primeiro tempo da *Fantasia em dó* é na vida de Schumann o combate decisivo. Heroicamente combatido! Por isso ha mais conforto na sua tortura sublime do que em outras obras tão risonhas. Ganha esta batalha, tudo está ganho: Clara e a musica. O mais são detalhes. Facil bastante seria vencer Frederico Wieck.

Tres personagens ficam agora em scena. Clára, Roberto e Wieck. D'um lado Schumann, espontaneo, instinctivo, cego como uma força da natureza. Juvenil, cheio de belos projectos, entusiasta por tudo o que é nobre. Em face, energico e adunco, o velho Frederico Wieck, uns olhos limpidos e implacaveis — a personificação do Calculo. Ah tambem Wiech tem o seu drama — peor que o de Schumann. Ele viera ao mundo para o pôr em ordem. E com dura pertinacia empenhara as suas poderosas faculdades na tarefa de toda a vida. Reflectira, raciocinara. Analisara as obras dos mestres, metera-as cuidadosamente dentro das formas da sua logica. Creara o *seu* metodo, que operava maravilhas, Clara éra a sua obra prima, o seu orgulho, não, o orgulho da Alemanha, a "nossa Clara". Ele a levaria de concerto em concerto, de côrte em côrte, a todas as culminancias: a gloria, a fortuna, um titulo, quem sabe? um principe. E vir agora um musico quasi desconhecido, sem dinheiro nem juizo, aniquilar os dois grandes interesses da sua vida: o futuro de Clara e o da sua escola! O seu consentimento? Nunca. Um genio que fosse, ele o quebraria como um vime. Era o seu metodo. Pobre Frederico Wieck! Atormentaste Roberto Schumann, mas ele destruiu a tua vida — ele que viera para destruir os preceitos, as escolas, as tuas formulas! Foste grande e util, Wieck, mas admitido embora na confraria de David por uma benevolencia sem exemplo, foste sempre no fundo um Filisteu — a mais alta expressão dos Filisteus. E agora, com as tuas variações brilhantes e os Rondós de Kalkbrenner para o rol das velharias, Wieck, ao som da Grossvatertanze:

E quando o avô casou com a avó . . .
Então era o avô um noivo!

De "O Romance Heroico de Schumann"

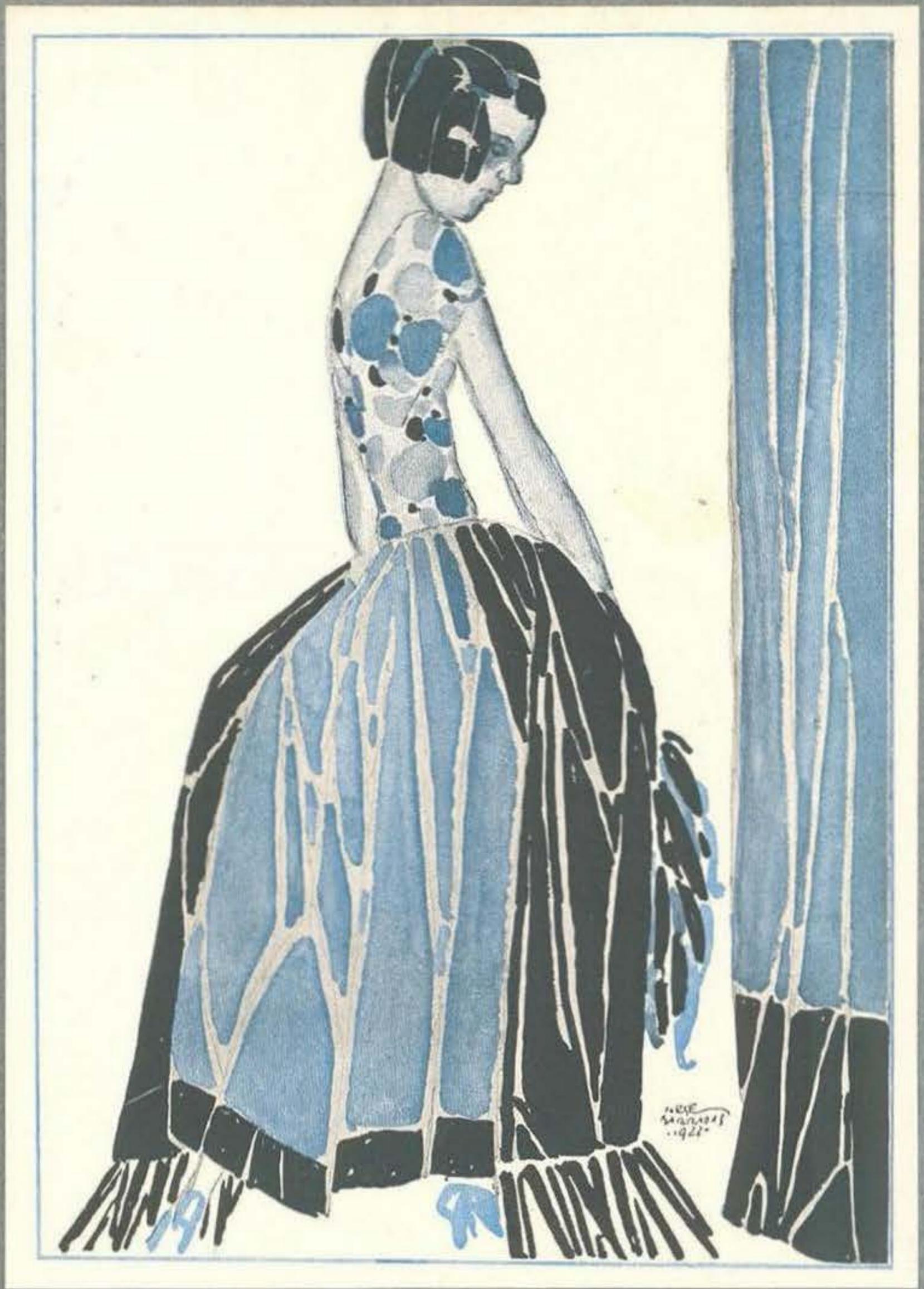
SONETO

Virgem do Ceu! E a chuva que não pára...
O vento geme e ulula ao desafio.
Anda a morte a rondar-nos... Sinto o frio
Em que a Má-Sombra ás vezes se mascara.

Olhai, lá foge... E's tu que vens. Sorrio.
Teu vulto apenas — ó Piedosa e Rara! —
Eterio luminoso, aquece e aclara
O tempo agreste, glacial, sombrio.

Caem do teu olhar bençãos de Paz.
Toda a dôr, toda a magua se desfaz,
Alva açucena casta e misteriosa...

Um extasi de amor raza as montanhas,
Quando as tuas mãos sacramentais, extranhas,
Descem, pairando sobre a terra anciosa!

AMERICO DURÃO

Contemporanea

JORGE BARRADAS
"MARIA DA LUZ"

MENINO E MOÇO

Santa velhinha mistica que pões
Ao peito inocentinho das creanças
Rosários carinhosos de orações;

Tu que carrêas tantas esperanças
Ao castelo que vamos construindo
Ingenuamente e sem desconfianças;

Conta-me agora aquêle conto lindo
Do Principe encantado pelas fadas
Que esteve tantos séculos dormindo.

Conta: que eu tenho horas amarguradas
Duma grande tristeza incompreendida
E saudades das nossas seroadas.

Conta: talvez lembranças dessa vida
Passada nos vergeis da nossa aldeia
Reverdeçam minha alma resequida.

Ah, noites sororais de lua cheia
Quando a lenha chiava na lareira
E tinha uma luz trémula a candeia.

Quando os lobos andavam nas alturas
E os cães, sentindo-os, pela noite adeante
Tinham uivos sinistros d'amarguras.

Lembras-te, bôa amiga, tão distante
Vou das minhas passadas alegrias,
Tão outro do que fui, tão ignorante.

Que nem me alembram rezas que dizias
Quando ao deitar-me á noite, com carinho
Co'as minhas próprias mãos tu me benzias.

Recordas-te? Que cheiro a rosmaninho
No lindo quarto onde era a minha cama,
Tão pequenino que lembrava um ninho.

Onde eu desenrolava a linda trama
Dos contos que à lareira me contavas
Tão de oiro e tão brilhantes dessa chama.

Havia anjos e reis, mouras, escravas,
E rútilos palácios magestosos
No caso acontecido que evocavas.

E eram altos sonhos misteriosos
Gravando-se-me n'alma como estrêlas
Sobre lagos azues e silenciosos...

Tão outro que já estou. Nem logro vel-as
As antigas e idilicas herdades,
Onde outrora sonhei coisas tão belas.

Que em me lembrando, entre suavidades,
Abre-se-me no peito um resplendor
Feito de lágrimas e saudades...

....

Minha velhinha, meu bordão da infância,
Minha lua de prata nesta noite
Em que me fino de não sei que ânsia.

Mal sabes que é sofrer! A vida foi-te
Como um dia de maio sorridente
Nunca sentiste da desgraça o açoite.

Tu vives para o bem unicamente,
E um manto bordado d'ilusões
Veste tua alma carinhosamente.

Ah, vive desprendida das paixões
Sempre santinha á roda dêsse lar,
Rezando ainda por mim as orações
Que d'antes me ensinavas a rezar.

MANUEL RIBEIRO

Da Santa Obediencia

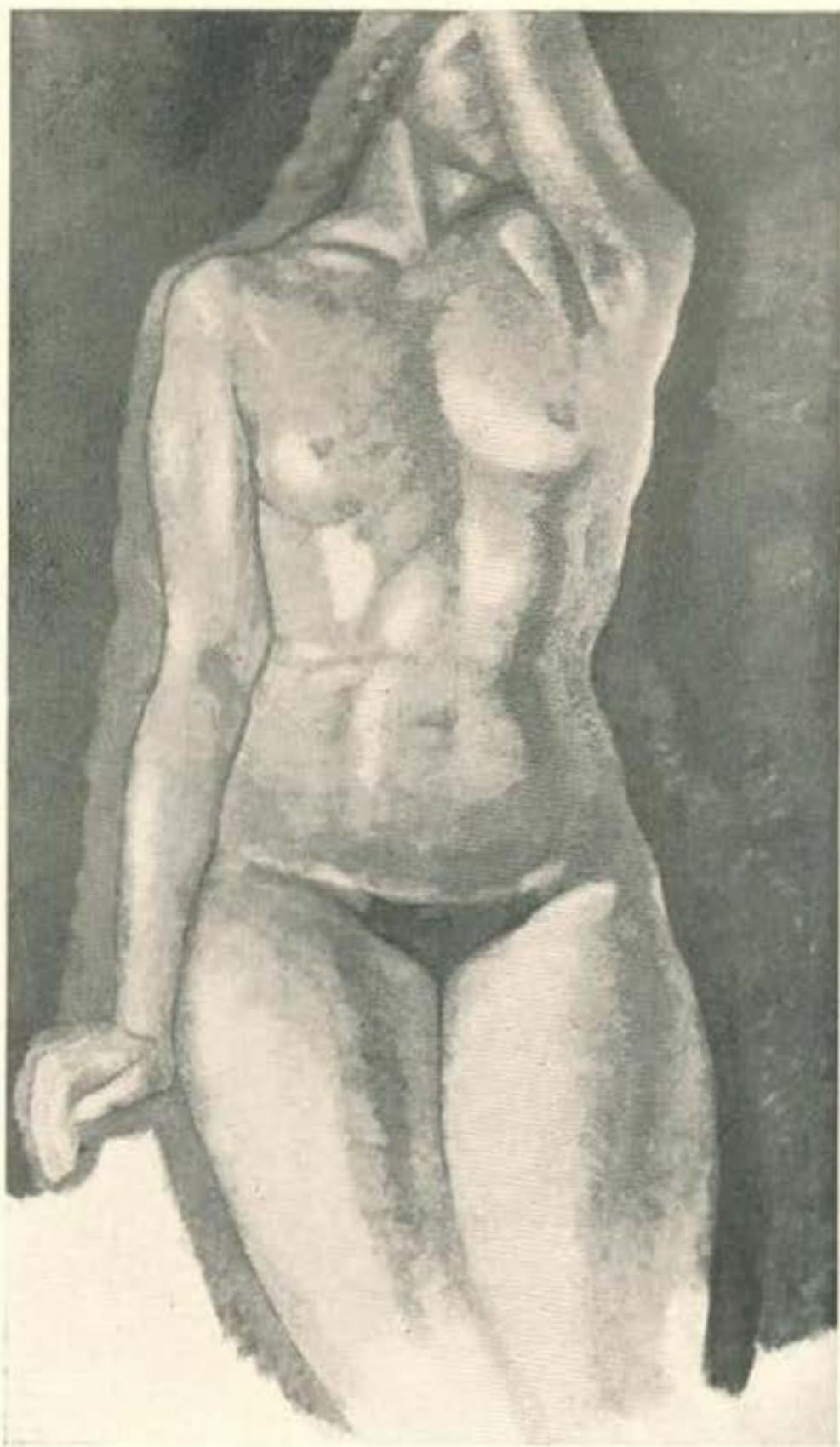
O' nobre e humilde obediencia antiga!
Companheira da paz; do mundo obreira,
Desde que Deus mandou á treva inteira
Que se fizesse luz: e o mando a obriga.

És como a forja ao aço, ao oiro a liga.
Sem ti não ha amor que dure e queira;
Nem ha Familia ou Patria caminheira;
Nem alegre trabalho que prosiga.

Anda na terra desvairado e á solta,
Um vento de soberba e de revolta.
E ninguem obedece e crê nos mais.

Vêde Jesus, em seu cruel destino,
Levado pela mão, feito menino...
—"Meu Rei e meu Senhor, onde é que vaes?!"—

BELINHO — 1922

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA

VAZQUEZ DIAZ
"NÚ"

O ROMANCE DE AMADIS

(Capitulo XVI — A ESPADA E A GUIRLANDA)

POR AFFONSO LOPES VIEIRA

Amadis, que todos julgavam perdido ou tinham por morto, fizera a el-rei Lisuarte serviços assinalados, combatendo por sua glória, — do que já diziam alguns que a fama de Amadis Beltenebros a ofuscava; mas como não tirara o elmo e ninguém lhe pudera ver o rosto, guardara o nome de Beltenebros.

Entretanto, quando a noite descia, entrava em Miraflores.

Ora, estando êle ai uma vez com sua amiga, veio Gandalin da côrte com grandes novas.

Um velho escudeiro grego, por nome Macandon, mostrara a el-rei Lisuarte maravilhosas coisas, as quais trouxera à côrte da grã Bretanha por ser ela afamada em gentileza.

E depois que el-rei disse lhe aprazia que à sua côrte a buscassem por gentil, mostrara-lhe o escudeiro uma espada como outra jàmais se vira. Encerrava-a uma bainha transparente, côr de esmeralda, e a folha de aço era, até metade, tão limpa como água cristalina, e na outra metade tão ardente e vermelha como de fogo. Depois que esta espada mostrara, mostrara o escudeiro uma guirlanda tão maravilhosa como aquela: metade das flores que a entreteciam estavam frescas como se acabassem de abrir, e na outra metade tão murchas que parecia que se iam desfolhar.

— Senhor, — dissera Macandon — hà sessenta anos ando eu vagamundo, em cata daquêles cujo amor lograrà vencer o poder do que vos mostro. Dêsses só, de mais ninguém, por mando de altos desígnios, poderei receber as armas e, emfim armado cavaleiro, nêste cabo da vida subir ao trono que há tanto me espera. Mas como a êsses não achei, nem nos reinos distantes nem nas ilhas do mar, à vossa côrte vim para que nela ordeneis uma prova e, se me prometeis que a ordenais, direi o mais que não disse.

Ouvindo tais maravilhosas palavras, arderam todos por saber o mais que Macandon calara.

— Senhor, — disseram a el-rei os cavaleiros, que olhavam a espada encantada — ordenai pois essa prova e tentemo-la todos, não sendo contra a lei de Cristo.

E as damas, que remiravam curiosas a encantada guirlanda, disseram à rainha:

— Senhora, pois que esta guirlanda nos respeita como toucado de flores, ordene el-rei essa prova para que a tentemos também.

De boa-mente o prometera el-rei Lisuarte; e dissera então Macandon:

— Senhor, esta espada que vêdes ninguém nunca a tirou da bainha, donde só poderá arrancá-la aquêle que à sua bem-amada quiser com perfeito amor. E esta guirlanda, quando posta na cabeça daquela que a seu amado quiser com amor igual, então se verá que reverdece e ficará toda em flor.

Ouvira Amadis estas novas, e quedara-se a pensar nelas.

Contara depois Gandalin que tendo el-rei já marcado o dia da prova, todos os cavaleiros fariam por desembaïnhar a espada, do mesmo modo que a guirlanda seria posta em cabeças de donas e donzelas. E como então estivessem na côrte os melhores cavaleiros da piquena e grã Bretanha, e a raínha Briolanja — que Oriana queria ver, mais que a ninguém do mundo! — ali chegara, coberta de luto por Amadis, a grande prova respeitava a todos e todos queriam tentá-la.

Disse então Amadis à sua amiga:

— À prova iremos também!

Pasmou Oriana do que ouviu, tão impossível lhe pareceu por perigoso e louco.

Respondendo ao espanto que lia nos formosos olhos da sua amiga, beijou-lhe Amadis as mãos e explicou seu pensamento:

— Mas ireis rebuçada de guisa que ninguém saiba quem sois; e comigo sereis diante de vosso pai — e faremos a prova da Espada e da Guirlanda!

Na véspera da prova na côrte enviou Oriana recado a el-rei, dizendo que, por estar doente, naquêle dia ficava deitada.

E depois Mabília e a donzela da Dinamarca disfarçaram a infanta à maravilha.

Tão bem disfarçada ficou, vestida em uma capa mui rica mas desusada no reino e com a cara encoberta com um rebuço, que Amadis, sorrindo, disse quando a viu:

— Nunca eu cuidei que tanto folgaria de vos não conhecer!

E antes da alva do dia saíram de Miraflores e cavalgaram para a côrte em festa. Levava Amadis as mais formosas armas, pusera Oriana as mais formosas joias, e eram ambos o Perfeito Par.

Na sala grande dos paços, e depois de ouvida missa, el-rei Lisuarte e

a raínha Brisena vão presidir à prova. Todos os cavaleiros cercam o trono e, sorrindo para êles, estão presentes tôdas as donas e donzelas.

Guardadas numa arqueta de jaspe chapeada de ouro, vêem-se a meio da sala a Espada e a Guirlanda.

Quando el-rei Lisuarte soube que Beltenebros chegava e concorria à prova, alegrou-se e recebeu-o com honra.

E Beltenebros, que não tirara o elmo, adiantou-se para el-rei, levando pela mão a dama rebuçada...

(—Ah! senhores, como Oriana tremia!)

Dado sinal, a prova começou.

Primeiro adiantou-se el-rei e, pegando na espada, não a pôde tirar da baínha. Seguiram-se Dom Galaor, que amava Briolanja, e Bruneu de Bonamar, que amava Melícia, e Arban de Norgales, que amava Grindalaia: e não desembaïnharam a espada. Depois foi Florestan, o outro irmão de Amadis, tão lial e gentil, que amava Corisanda: e a espada não saíu da baínha de esmeralda.

Seguiram-se Galvanes Sem-Terra, e Brandoivas, e Grumedan, e Ladasin, que todos tinham amores: e a espada ficou-se na baínha. Logo a provou Guilan o Cuidador, que amava Brandahia, depois de a haver provado Agrajes, que amava Olinda: e não saíu da baínha aquela espada.

E assim foi com Polomir, com Dragonis, com todos que a provaram; pois se todos, uns mais, outros menos, arrancaram da espada algum tanto, nenhum pôde arrancar a espada tôda.

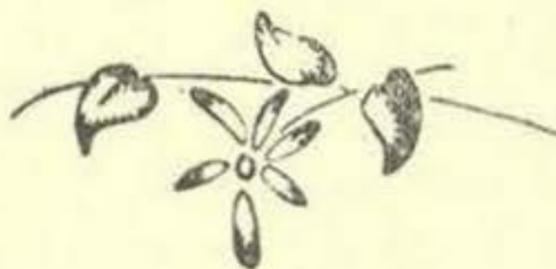
Então adiantou-se Beltenebros, levando pela mão a bem-amada: e, pegando na espada, — arrancou-a da baínha!

Fez-se depois a prova da guirlanda.

A raínha, primeiro, pôs na cabeça as flores; e as flores não refloriram. Seguiu-se-lhe Briolanja, — formosa no seu luto, e para quem Oriana olhava muito, — e não floriu a guirlanda. Depois foram Estreleta e Brandahia, e foi Aldeva e foi Olinda e Grindalaia, e foram tôdas: e as flores não refloriram. Quando postas naquelas cabeças, mais em umas, noutras menos, refloriam algumas flores; mas nunca tôda a guirlanda.

Então adiantou-se a dama de Beltenebros, levada pela mão do seu amado: e quando a pôs na cabeça — tôda a guirlanda floriu!

Do livro no prélo
O ROMANCE DE AMADIS

SONETO

Eu venho do exilio e da saudade:
Venho do meu doirado encantamento...
Deitava sobre o mar do esquecimento
O castello do exilio e da saudade...

Ás noites de luar, pelas varandas,
Minhalma embala o luar, como um menino
Que só no luar vivesse o seu destino...
...Ás noites de luar, pelas varandas...

E por todo o castello abandonado,
Onde meus sonhos longos vagueei,
A minha ausencia espera o meu regresso...

E á saudade que embala o meu passado
—Que o meu passado apenas o sonhei—
A minha ausencia espera o meu regresso...

COIMBRA - MCMXV

ACCACIO LEITÃO

ENLEVO NOCTURNO

LENGA-LENGA LIRICO-NOCTURNA

I — De — noite; passa o enterro do dia, tudo de preto; levam as mãos ao rosto, as violetas; e o alvo luar extasiado, empallidece; á via-lactea de San Thiago lhe ha-de passar o caixão; as e estrellas murmurarão, baixinho e de — joelhos, o *Kirie Eleison* espiritual; e sob as ramagens de sêda, ha carpideiras, as fontes; e ao alto, par ao duro ceu encarvoado, sobem incensos de melancolia; e na aragem tôrva, os mensageiros negros, riscam o fluido co'a sua aza preta.

Para Deus, abro o esquelêto de meus braços.

II — Grande lua, mãe dos tristes e dos expostos, ha muito que eu não via o claro-rir da tua luz, piena de graça atravez do fluido espiritual e dos emaranhamentos nocturnaes. Grande coisa vem dizer ás fontes, o mirifico pallor da tua saudade; grande coisa vêem dizer aos rios os reflexos estonteantes da tua alma de prata; grande coisa vens dizer ao musgo das capellas, no alto. E os dedos dos cactos aguerridos, apontam aos caminheiros noctivagos, o deslumbramento clareante da tua elevação illuminada; grande coisa diz a expansividade alacre da tua luz porque os sylphos sahem da gehêna oblonga, onde não chega nunca a ironia fina dos teus raios; e os sylphos entrelaçam os dedos longos e á luz extatica das constellações, dançam os suaves minuêtes, nas clareiras caladas, sob os luares outomnaes; e os sylphos dançam e cantam o côro mudo dos seus hymnos ensurdecidos e abafados pela fanfarra dos ralos. E se o pio enregelado do noitibó agoirento, arripia o ar empallado, os sylphos vão-se esconder, em sobresalto, na clivagem das pedreiras ou no reconcavo dos algares; grande coisa vem dizer, a blandia morna do teu afago que chama D. Juan, á serenata, emquanto dorme e sonha a triste-bella, á esvaida serenidade do luar; grande coisa vem dizer o rutilo explendor, da carnação marfilêna do teu corpo nú, porque no ceu contrahido, se extinguiu por emquanto, a joalharia incrustada, e na triste aragem flacida, anda uma viuvez de penumbras; grande coisa vens dizer, grande-lua-rubra-cheia, empavonada de clarões e labaredas. Que é das cinzas e dos carvões, grande-lua-rubra-cheia? Estão por hi entenebrecendo as collinas entorpecidas, as florestas emônadas, os oiteiros escuros ou as lagôas scismadoras? Estão por hi encarvoando, a ramaria contrahida do velho parque, onde as brancas apparições, irão ensaiar bailados? Estão por hi empoalhando a cabelleira crêspa das silvas envilecidas nas paysagens frivolas e desmanchadas? Estão no imo lugubre das alamedas escuras ou ascendem ao triste ceu, como um incenso supersticioso?

Que é das cinzas e dos carvões, grande-lua-rubra-cheia?

III — Pisae-me o craneo, cavalgada d'espectros! Nada. A voz rouca do silencio. E lá no alto, no oiteiro, as arvores do parque aconchegam-se, perdidas de somno ou

de mêdo? Corro a abraçar a Noite, abraço o ar; se lhe beijo o seio fremente e imponderavel, beijo o ar. E se recolho a fimbria da veste desgrenhada? Tudo farrapo! E nada! E nada! Nada? E quando eu fôr nada?

IV — Fico de mal com o luar, se elle não vem. Boca-da-Noite, cólo a minha bocca á tua bocca e no turvelinho pardo do meu anceio perpassam visões e mêdos; no enrêdo cahotico, do teu halito profundo ha corpos nús e já frios de velhas phantasmagorias em lethargo; e á roda de ti, sob esse teu manteu-prêto desmanchado, brotam cupidos estultos, e sofre um pobre coração desprevenido de virgem-menina ou peccadora-mulher. E quem és tu vulto irreal? És um Ciume, espiando? És um Desejo, perdido? O teu corpo trotador de corça, singra velóz a escuridade, sobre a ramaria tersa das magnolias no meu jardim d'exilio abandonado. Extendo-te as minhas langues mãos que tanto estimo e tu perfidiosa apparição das meias-noites nigritinas, deixas-me hirto e só, entontecido, no meu enlevo nocturno. Cada recanto profundo do teu enygma, é um cardo de melancolia; cada brando afago da tua cutis humida, pela cabelleira frisada das ramagens, na estatura esqueletica dos plantanos herculeos e dos pinheiraes dorminhocos, é um phantastico estremecimento, no rudo sussurro rôxo, á róda. Quando te despes toda, alta-hora, Tanagra nêgra fingida, eu córo e este famigerado coração que não te entende, julga que córas — porem, ó mar caviloso do meu enleio, todas as illusões me vinham mortas, como cadaveres á praia e debalde meus olhos preguntadores, em alvorôço, espionavam, na lethargia torpida das sombras, o rubor gracíl de tua nubilidade. Que sim! Que sim! A's vezes eu lá via, por detraz d'alguma alta collina amortalhada de prêto, a vermelhidão maquilhada desse teu jovial pundunor hilariante, ao som triumphador da orchestra barbara da lagúna, na filigrana dos limos. E um risivel luar de tintas, exibia esgares, na ribalta clareada do nascente, como um funambulo adoravel carregado de vermelhão. E eu, sob o pêso do ceu, com estes olhos de santo, fazia á claridade noctivaga, o meu colloquio com uma estrella. Que queria? Que me dissesses, pela scintilla da sua luz, pela prata da sua veste, se por detraz d'ella, está Deus?

Ai de mim que ella tremeu. Tremeu lhe o corpo todo e sumiu-se envergonhada.

V — Praguejar? Rezar? Isso p'ra quê? Jesus anda por aqui tambem. A tréva é o ai que lhe voôu do feito.

VI — As estrellas sofrem. E cá em baixo a treva, abre a bocca putrida e lobrega, sob a cupula vasia do meu jazigo nocturno.

Gosto mais da Noite que de ti, ó grande Sol, amigo trivial da urze frivola e dos moscardos.

VII — Dormem os montes sombrios, sob o casto luar? E ao pé das fontes na penumbra dos loureiros que formoso fauno, está dedilhando balladas de magia, em sua frauta encantada? E sob o casto luar morre o lyrio-branco e repôusa a somno solto a flôr de cytherea; e sob o casto luar correm effluvios da Musa-Harmonia e resôam, em claro-unisono, co'as estrellas que executam no alto ceu a sua orchestra de scintillas; e sob o casto luar, numa clareira se alonga em sobrehumano monstro a sombra do Satyro elançado; e sob o casto luar andam voando as mariposas nocturnas e as poalhas de rosas, neve, flor de lys, oiro e agatha; e sob o casto luar na rama impenetravel do bosque, um blóco da Noite é um dyamante-preto cheio de arripiadores enervamentos e malfadados feitiços; e sob o casto luar, no adro, as penitentes sombras resam prostradas, como Jerusalemnicos peregrinos. Que fazem as sombras perdidas, meninas-virgens, em bando, sob o casto luar? Resam d'amor, aos lyrios? Pedem amor ás fontes, ou escutam extasiadas o concerto lyrico-nocturno?

E os reflexos luarentos — estendal luzido — toalhas de prata que a boa-lua, deixa de noite, a enxugar? E o frio, o frio, ó enregeladas meias-noites?

E o gelo-mau, que enregela os caules e derrota as arvores abatidas e põe atitudes aflictas, nos esqueleticos pinheiros?

Para que serve o lume? O bravo lume da lua cheia — pois que a lua (a lua-cheia) é a brazeira onde se aquecem-nas estrellas; nas gelidas noites fumegantes; nas noites aridas de metal; nas albas noites janeirinas, sob o casto luar.

Vale mais, ó lua alva, o metal surprehendente dos teus raios que o thesoiro dos Trez Reis Magos. Oiro? Incenso? Myrrha?

Poeira d'oiro cahe do luar; perfume d'incenso, sobe elle ás nuvens nas noites floridas, embalsamadas e movediças; fumo de myrrha, cobre os casebres — o cerraceiro — noite cerrada, por dezembro. Por minha Taça Negra ainda cheia, a ti eu bebo, ó Noite. E' o vinho do Senhor Satan que a mão de Deus me vasou.

Oiro? Incenso? Myrrha?

Amo eu mais o teu thesoiro que o thesoiro dos Trez Reis Magos.

VIII — Abro-te o meu triste peito; cá dentro tenho um coração? Tivesse eu antes luar. As estrellas são joias incrustadas; pudessemos nós, ó Minh'Alma, ornar com ellas, meu Vaso Negro de Melancolia? As estrellas são joias incrustadas, lagrimas de joias no azul perdidas? Quisessem meus olhos inda chora-las. Pudessem meus dedos inda senti-las. Vamos, meus labios de rubi, vamos beija-las.

IX — No povoado dos meus mêdos, brinca o Menino-Luar. A Treva, o Myriapodo enorme! Se gosto eu da Noite? Por geitos que sim.

X — O ceu é uma côlcha côr de liken e as alegres estrellas, de trigo e oiro, têm um reverbero alacre e radioso, como a scintillação deste *brilhante* amoravel que alguem, (e alguem que eu quero muito) poz nos meus dedos magros, pobresinhos e enternecidos.

A' luz dos cirios destes luares novembrinos, ha esqueletos d'arvores nas campinas e toda a Natureza, aqui-jaz, contrahida e nua, sob a aragem que córta, mais retalhante e mais fria que o ferro dos punhaes; e fez calar as rãs e os ralos; e vae matando as seivas, nos ramos, e está resequindo os caules, fibra a fibra, nos magros troncos desfallecidos, que sofredoramente attonitos e afflictos, assistem, sob o luar hieratico, á agonia lenta das folhas, inuteis e inanimadas, pedaços queridos da sua alma d'arvore que logo o orvalho vem cobrir de beijos. Dizem que morrem os troncos, na grande campa outomniça e já o claro-luar veste de luto aliviado? E' vêr as arvores descarnadas, despidas das efflorescencias galantes e das collorações violentas e agora sob o ceu frio d'aço, cada esqueleto d'arvore é uma forca, onde se dependuram braços de luar, d'esse luar livido côr de lyrio, cadaveroso e mortuario que fez da Noite a grande campa outomniça, onde gelaram paradas as transmigrações capillares das seivas, e as algasarras nocturnas. A aragem metalosa e fria como um espelho d'aço, recolhe e escuta, as ondulações sonoras e vivas, perdidas no fluido lacteo; e cá embaixo, por entre os troncos nús e os recantos solitarios, as penumbras passam, transmudam-se, em seu galope subtil; por entre os reticulos dos ramos, no chão côr de leite, a sombra dos entrelaçamentos é uma pelle de tigre que o dedo do luar esquissou; e as folhas sêcas derrubadas, são azas d'almas cahidas que inda de vez emquando tentam subir ou voar, até aos caules reverdecidos, onde d'antes, no tempo das collorações aguadas, e dos desabrochamentos felizes, havia calor e seiva e onde só havia agora, fibrila sêcca e dispersão e morte. A Natureza vae fallir? O ceu está liso e puido como uma lamina de zinco novo. E Flora, Flora; a donzella gracil das collorações violentas, das tintas estonteantes, das musculaturas flexiveis, das fibras seculares e das virgineas delicadêzas — tenho agora mêdo do teu corpo enteiriçado e frio! Vaes-te tu deixar morrer, por estas noites d'aço, á luz esvaida da triste lua, á sua claridade amarellenta, sobre a grande campa outomniça?

E não ha ondas nas ramagens? E não ha vida nas ramagens? Não ha ramagens nem ondas? Não ha aromas nem tintas? Vem ahi o livido outomno, o celebrado Outomno dos poetas — mail'-a sua lividez cadaverenta; noite d'outomno, noite d'aço, triste e mortiça, povoada p'los duendes brancos, nas lageas quentes e caladas, onde se dão mysteriosamente, as tragedias das transmigrações convulsas, com a admiração idiota dos cyprestes e o alheiamento d'algum esvoaçador nocturno que derrisca no morrente luar côr de céra, o mau-agoiro da sua aza-prêta. — Pois eu aqui estou, menina Noite, curiosa creatura de passos surdos. Para que serão as penumbras transfiguradoras e maliciosas, p'las ramas, p'las silvas, nas elevações, nas pedreiras tristes, sobre a corcunda dos oiteiros, e p'la aragem esparsa e suspensa, no mysticismo imanente, aquando o luar é o oiro-vago que se desprende do peito alvo das constellações chorosas?

XI — N'aquella branca clareira allumiada, os ramos esvaidos dos chorões, são as tranças luarentas das boas sylphides núas-núas, que á meia-noite dançam ao luar o

seu bailado subtil das boccas (e das boccas coladas), das mãos movediças e das cinturas fluidas. No jardim dos mêdos, entre os vasos humidos, entre os canteiros, e na orla dos buxos, oh que bruxa hilariante, de capa preta até ao chão e lenço branco — fui-me ao pé d'ella e rasguei-lhe o lenço branco: pois senhores, era uma rosa. Agora, no cômoro dos jacinthos e dos myrthos, os duendes brancos lá estão a fallaçar, a fallaçar; e no degrau dos rochêdos, num lençol do luaceiro as fadas despenteiam as cabelleiras côr de milho, para o baile invisivel ao luar; e ensaiam anneis d'oiro velho outra á outra, nos seus dêdos feiticeiros côr de gemma; baila e baila, no oiro do luar, o imponderavel bailarico, a turba-multa das sylphides, junto á bôcca das grutas, no reconcavo dos penêdos, onde dormem ainda emônados, os horridos monstros salamandrinos: mas o que serão as cabelleiras côr de milho? Raios de lua. Raios de lua.

Pois que reviva, ó branca lua; tire a mascara carnavalesca e amarellosa que mette mêdo; a caraça-ictirica, clara-d'ovo e magicante, á luz do chloro, em que as magnolias são titans embiocados; e os lyrios-rôxos, saureos e saureos peçonhentos; os rainúnculos parecem bichos; e o bom do alecrimneiro, é um Quasimodo nocturno. Não m'admira! Não m'admira! Mas que vêjo a esta luz morbigena e mãe do Lothus, ó empallorado Eleusis? — Anna de Moirama, quem é aquella princezinha de mãos marfineas e mesmo muito mais brancas que as corollas dos jarros? — Anna de Moirama, para que serve a haste de lyrio branco que tem na mão? Para ensinar algum caminho lacteo?

A minha princezinha de mãos marfineas, toda coroada de flores de laranjeira, d'onde subia o aroma nupcial das virgindades, com a haste encantada do lyrio branco, bateu nuns raios do luar; e logo, por entre fumos feericos d'incensos trepadores, appareceu a escadaria côr de leite. E para mim, abrindo a sua bôcca de corallina pura, disse: anda comigo, anda; eu sou o Amor!

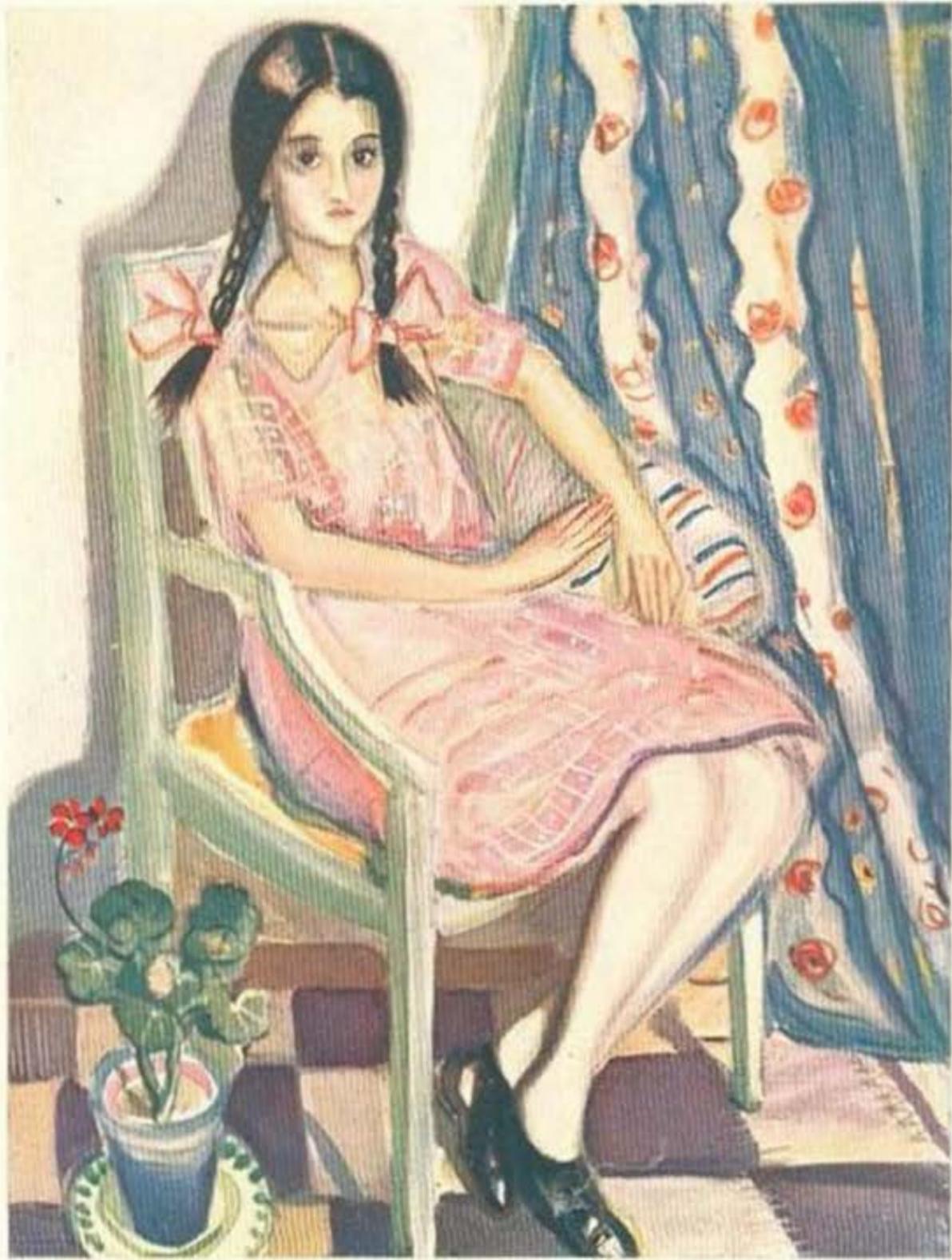
Porem, ó enleio, ó delirio, ó desmoronamento, quando ia a collocar o meu pé avido, no degrau irradioso da escadaria côr de leite — tropecei, como um jogral, na desconhecida *Carcassa Velha*, embuçada na sua manta-preta, que dormitava atravessada no primeiro poial: — Fóra d'ahi apparição maligna, carcassa molle, coisa má! E de novo Ella me repelliu, com o seu gesto glaciario e seguro. De punhos muito cerrados, recuando sempre, gritei-lhe arripiado: — Mas quem és tu?

Foi então que a Senhora Velha, descerrou a horrida mandibula escanifrada e respondeu: — Sou a Morte!

No alto, a lua picara, desatou a rir; enterrou a sua carêta magica na cobertura algodoada das nuvens négras e eu fiquei hirto e só, na Treva, sob a cupula estellar cheia de fleugma; o gracil luar, sorveu-se, no humus argilloso (que tudo sorve: luares, almas, collorações); as cordilheiras enegreceram o dorso d'annelideo; e por li e por lêm, anda solavancando nas rampas e ribanceiras, o zurro do vento roladôr: — E'leh! Viram p'rahi passar uma Velha?

Nas quebradas, ululla a vóz do vento, do erriçado vento roladôr:

Nam vi velha, nem velhão
Arrebola, cabação.

MENDES DE BRITO

MILY POSSOZ
"AGUARELA"

ZARA

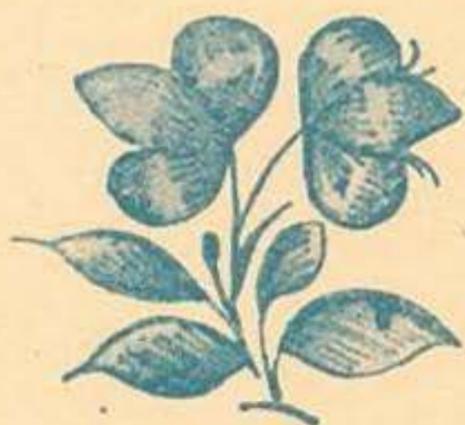
(EPITAPHIO PARA UMA CREANÇA)

ANTHERO DO QUENTAL
(1880)

Feliz de quem passou, por entre a magoa
E as paixões da existencia tumultuosa,
Inconsciente como passa a rosa,
E leve como a sombra sobre a agua.

Era-te a vida um sonho: indefinido
E tenue, mas suave e transparente,
Acordaste... sorriste... e vagamente
Continuaste o sonho interrompido.

ILUSTRAÇÃO MUSICAL
DE
FRANCISCO DE LACERDA

Carta a uma morta por F. M. Cabral Metello

HA tanto tempo que não escrevo!
Ha tanto que me aborreço...
O que tens feito, onde vives?
Porque não me escreves?

Onde estás? Procuro as sensações prohibidas, e não me satisfazem...

Compro joias para n'ellas descobrir reflexos do teu olhar. Rasgo livros de poemas celebrados. Canço os meus olhos n'um scismar que não acaba. Porque não voltas? Nem o Manuel me resta; e eu cheguei a detesta-lo quando elle regressou de Londres, mais romantico mais morbido...

Eu tinha razão: Vocês conversavam tanto...
Oh! minha querida Morta, companheira de longos dias, unica mulher amada!

Sofro por não saber do vosso paradeiro.

O Manuel procurava na cocaína, lucidez, nervosidade... A cocaína deu-lhe aquilo que elle não queria nunca:—A Morte. Tu meu delicioso tormento, lá o tens visto com certeza; os mortos devem ter só um paiz. E quem sabe se as vossas bocas se beijam constantemente, longamente, interminavelmente...

NOVEMBRO FRANCISCO

AZULEJOS PORTUGUEZES

PALAVRAS DUM AVESTRUZ TODO GRIS

Arrancam-me as penas
E eu soffro sem dizer nada:
—Sou ave
Bem educada.

E, se quizesse,
Podia
Morder-lhes as mãos morenas,
A esses
Que sem piedade
Me roubam estas penas que me cobrem;
E, no entanto,
Sem o mais breve gemido,
O meu corpo
Vai ficando
Desguarnecido...

E ellas,
Aquellas
Que se enfeitam doidamente
Com estas penas formosas,
—Que são minhas!
Passam por mim desdenhosas
Em gargalhadas mesquinhas.

Sim; eu soffro sem dizer nada:
—Sou ave
Bem educada.

ANTONIO BOTTO

† AMADEU DE SOUZA CARDOSO
"DESENHO"

CARTA
Inédita de Antonio Feliciano de Castilho

Ex.ᵐᵒ e excellente amigo:

Quarta feira 25 de Janeiro de 1871 — 2 ½ da tarde.

Não respondi logo pelo portador da carta de V. Ex.ª porque só agora saio da cama. A minha ophtalmia teima em me prender no quarto, e quasi ás escuras o mais do dia; comtudo parece-me que principia a declinar, e tomara-a eu já fóra de todo para me ir espairecer um dia com V. Ex.ª nesse seu paraizo, e bem o necessito. As sensaborias e os desgostos graves chovem de toda a parte e de continuo. Hontem mesmo recebi eu a nova de ter fallecido na ilha da Madeira, meu sobrinho Alexandre perda dolorosissima para a familia, e não pequena tambem para a sciencia. Foi um exemplar de bons estudiosos e um raro modelo de probidade. D'aquella especie não ficam por cá muitos.

Esta cartinha de V. Ex.ª trouxe-me bem a proposito momentos de suave distracção; comprovando-me que, neste rapido rarear das fileiras ainda vão ficando de pé e firmes, camaradas a quem nos é doce amar, e por quem o sentirmo-nos amados nos é dulcissimo.

Dou parabens a V. Ex.ª, ás artes e a mim pelo que já sei que ha de sair o seu quadro do natal do pobresinho. Não sinto pequeno desvanecimento em pensar que os meus versos inspiraram pintura e muzica a um tal espirito.

Aproveite, aproveite meu amigo a sua estação productiva; estro, liberalisou-lh'o Deus como a poucos. Se não colhesse a final as coroas maximas, só a si o poderia imputar, que então haveria sido (e oxalá que o não seja) o filho prodigo do genio.

Mais favoravel concurso de circunstancias quem o poderia desejar! Vive num bello suburbio, em ares saudaveis e aprazíveis, paredes meias com um rei illustrado e amigo, com ocios para meditar no bello, deslembrado de politicos, de invejosos e mexeriqueiros, frequentado de bons companheiros, poetas, pintores, musicos, e congregando á sua meza deliciosamente italiana, e na sua officina de maravilhas, uma ninhada de talentos variadissimos que para ahi gravitam pela atracção da homogeneidade, e para remate de tantos condões, tendo das portas a dentro uma socia que é ella propria a sua musa, e crianças sadias, leves e alegres que são as aves do paraizo do seu viveiro.

Por mim lhe posso dizer que as horas sempre breves que eu ahi passo me renovam cá dentro umas como revelações de idade de oiro não fabulosa.

Pena é que a sua admiravel robustez se tenha agora desmentido um tanto com essas lembranças de rheumatismo; esperemos comtudo a primavera, que d'aqui a nada nos está batendo á porta lhe restituirá em cheio o seu vigor antigo. Agora mesmo me chega a agradavel noticia de estar já coberta de flor uma amendoeira na rua de S. Caetano aqui perto. A primavera que não tarda, breve lhe ha de acabar com esses encomodos que afinal lhe haverão servido para que possa apreciar melhor as delicias da saude.

Deus, que é o pai dos bons pintores, tambem segue a regra de realçar com sombras as formusuras mais brilhantes dos seus quadros.

Mal advinha V. Ex.ª que dia é este hoje em que a sua amigavel cartinha me chega ás mãos! É a vespera do meu 71 anniversario; recebo-a portanto como uma especie de parabens e felizes auspicios, e até como tal lh'a agradeço.

Os instrumentos concedidos por sua magestade aos dois estudantitos do Conservatorio que V. Ex.ª apadrinhou, ainda não chegaram; alguem os terá demorado no caminho. Os meus agradecimentos a El-rei e a V. Ex.ª é que eu não quero que se retardem; agradecimentos tardios parecem se muito com ingratidões.

Senti muito que a Ex.ma Sn.ra D. Celina não quizesse fazer-me a mercê de conservar em seu poder os livros inglezes; em que mãos poderiam elles ser mais propriamente empregados?

Chegam-me visitas que me obrigam aqui esta conversação. Conclu-o-a forçadamente assignando-me

De V. Ex.ª

Admirador e amigo velho muito obrigado

CANÇÃO RUBRA

Vibra a pandeireta em contorções lascivas,
Em requebros fulvos, curvas sucessivas.
Bailarinas nuas, arabescamente,
Num cantar dolente
Todo rendilhado em movimentos magicos,
Têm amargos tragicos
No enrugar das bocas.
Bailarinas loucas, bailarinas loucas,
Com sapateados no mourisco pateo.

Todo o peito lacteo
Se tornou rosado
No sapateado.

Nas evolutas da volupia densa
O cerebro não pensa.
No turbilhão da dança
O espirito descansa.

Silencio sepulcral. Alheiamento
Do meu pensamento
Das coisas naturais.
Ouço as passadas imateriais
Da multidão silenciosa.
Nos labios brancos da vaporosa,

Eterea bailarina,
Poz nodoas negras a nicotina.

Não existo por mim, nem para mim:
Tenho alma de Arlequim.
Serpentinas de fogo, azul-violetas,
Adejam sobre mim quais borboletas
Sugando-me a razão de ser Alguem.

Beijos perdidos no anceio do Alem;
Alma perdida pelo Vago.
Lagrimas caem no misterio mago
Da face estoica. Esfingico martirio!...

Adoro as espirais do meu delirio:
Nas azas do seu doido espiralar,
Estou dentro de mim, sem me alcançar.

Fox trott infernal; destrambelhados
Sons de violinos maguados;
Contactos sensuais da minha carne virgem
Com as filhas sanguineas da vertigem.

Pelas arcarias,
As melodias
Voam sorrindo, vão bailando etéreas.
Violações sidérias
Da consciencia harmonica.
Da consciencia — a messalina cronica.

No cristal vibrante dos vitrais vermelhos
Tamborilo os dedos dos meus nervos velhos.

Relampagos da Vida
Perpassam de corrida,
Na consciencia futil dos momentos
Em que se avivam, igneos pensamentos.

Esqueço tudo ao querer lembrar-me tudo;
Apenas tenho os braços como escudo.

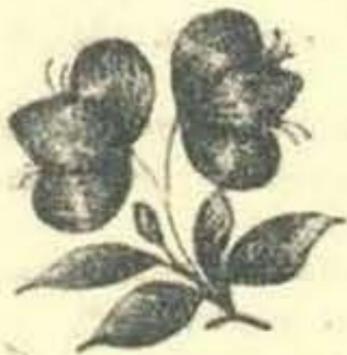
Amortecem-me os braços.
Em movimentos lassos,
O meu corpo alquebrado,
Risca no ar o ondeado
Do mar purpureo do Vicio.

Eu, já não sinto o bulicio
Da loucura humana:
Todo Eu sou um Outro, que se irmana
Comigo em negra inconsciencia.
Brilha em meus olhos a fosforescencia
Do cadaver do meu Eu.
O coração admormeceu.

Aurora boreal:
Voltei a mim; sou egual
Ao que era antes de tornar-me assim.
Voltei a mim, voltei a mim!...

Meus irmãos; eu sou o Singular,
O Imperfeito, o Impar, o Sem-par;
O vagabundo, o Peregrino;
O que nasceu sem Destino...
Eu sou a noite dum sonho;
Nem de mim proprio disponho
Que ninguem dispõe do Nada.
Meus irmãos, meus irmãos!... Oh! desgraçada
Ideia a minha!... A minh'alma é sosinha,
Não tem irmãos: eu sou o Singular,
O Imperfeito, o Impar, o Sem-par.

ALGER-KASBALO

CASTELÃO DE ALMEIDA

Uma epistola ás Mulheres

Será possivel que vós, delicioso encanto do Espirito, que é principio de vós mesmas, acabeis tão cêdo renegadas na carne, visto que não viveis senão para a carne?

Mal foi de vós, quando déstes os ouvidos da vaidade áqueles que, por caminhos diferentes embora, vos levaram de olhos vendados á ruina.

Os poetas cobriram-vos o corpo de misterio, e tanto, que vós proprias vos convencêstes de que tendes misterio onde o não tendes e acrescentastes orgulho á vaidade de um misterio falso.

Porque nunca em vós existiu misterio diferente do misterio que envolve ainda a essencia de tudo.

Onde o especial misterio dos vossos cabelos, dos vossos olhos, dos vossos labios, dos vossos dentes, que, feitos da mesma substancia, brilham e envelhecem, sujam-se e apodrecem, ardem e regelam, como os meus?!

Mas os poetas cantaram-vos os cabelos, os olhos, os labios, os dentes; puzeram alguns o misterio falso da sua fantazia erotica sobre a vossa cabeça.

E vós palpastes com os dedos tambem poeticamente "misteriosos", a cabeça, os olhos, os labios, os dentes, e vistes misterio deante do espelho do toucador, dos vidros das montras, da face brilhante dos azulejos e da imagem gravada na nossa propria pupila...

Adormecestes, convencidas de que sois realmente — o insondavel misterio feminino, que faz andar à roda de um circulo eterno o nosso entendimento.

A par dos poetas, rancho humano a quem impulsiona a predilecção pela vida da fantazia, "quando mais não seja: nas horas vagas", surgiu o geral dos homens, que, ora a rirem a casquinada torpe e cinica, ora a cantarem as tristezas dos outros, ora a gemerem

resignações, a gritarem desesperos, increpando Deus, retalhando o corpo, afogando se em labaredas orgiaticas, delirando rouquidões dementes ou invocando a morte, tambem vos chamaram misterio.

E vós, escravas humildes da vaidade petrificada, mais acreditastes ainda, que sois o grande, o fulgurante, o resplendente misterio, que um dia o capricho de um Deus vivo, ou a transformação cega de uma Natureza morta, fez e atirou à Terra, para permanecer insuperavel à inteligencia masculina.

Mas em verdade vos digo, que nunca encontrei em vós misterio, senão no que sois fonte da vida, germen da luz, cálice da substancia onde o Espirito encontra materia de tecer formas da dôr humana.

E só me entristece ver-vos envaidecidas de vos atribuirem misterio onde o não tendes.

Aquele que, olhando uma de vós, sentir nascer-lhe o desejo de a possuir, fará uso de todas as armas de sedução.

E a cada gesto de defeza, a cada resposta prudente, a cada atitude de quem guarda preciosamente o relicario de sentimentos, para o qual uma precipitação pode representar a entrega e a ruina do corpo e da alma, ele, imensamente egoista, ele que, como homem, só atende à voz imperiosa e perfida dos desejos escondidos por uma palavra que é geralmente empregada como uma grande taboleta faiscante, servindo de alçapão que abre sobre o abismo, dirá sempre — "misterio feminino"...

E a verdade é que misterioso é ele; porque, após tantissimos protestos, tantissimas loucuras, invocando — o eterno amor —, logo que consegue vencê-la ou possui-la, desaparece a taboleta e resta para ela o abismo.

Ele o misterioso, quanto miseravel caminheiro, lá vai á cata de outros misterios; e ela, a victima do egoista perverso, fica morta de ilusões e sepulta na vergonha, farrapos de humanidade, sem misterio nenhum!

Parece, entretanto, que quanto mais o homem se sorri da fantazia dos poetas, e mais insultam essa fantazia, desfazendo-vos o curioso "misterio" em lagrimas e podridões, vós mais renegaes o Espirito e vos afastais do unico misterio que vos sublima e divinisa!

Porque, em verdade vos digo: Se o homem se prostituiu no culto do dinheiro e da carne — daquele, como Deus, e desta, como embriaguez bestial, vós ides descendo a vergonha maior: porque, bebedas das paixões da carne, a aspiração da vossa vaidade escravizante é servir de atoleiro ao touro que vos amarrou ao desejo perverso, contanto que comungueis nos regalos da riqueza que a besta amontoa á custa do sangue irmão!

E assim, quem julga que a lei da materia sobreleva á lei do Espirito, e entende que a vida é a luta pela comodidade do corpo e não a conquista de valores para aperfeiçoamento do Espirito, por outras palavras: quem entende que a vida é um fim e não um meio, que é a estagnação do acaso, a cegueira da sorte, e não a evolução pelo sacrificio, com certeza não tem o culto intiligente da familia e não surprehende em si o sentimento do belo perante a dôr do sacrificio, desejando, sem limites, a gloria de ser mãe de luzes que renascem, de almas que revivem...

Por isso, os filhos serão encargo, incomodo, tédio, infelicidade, empecilho do prazer, em vez de radiações de Deus que rompem da dor e da alegria irmanadas nos beijos creadores.

Filhos, só os quereis ter, pois, por vaidade, por capricho... e dentro de certa conta — vulgarmente o casal que não moleste os gosos da vida material os ocios mornos da voluptuosidade irresponsavel.

E a familia será um abismo de idiotas, embasbacados no meio do dinheiro, da ociosidade, da exploração e do crime.

Os filhos serão luzes que se apagam á nascença, sob as podridões que escorrem do lar.

O lar não é o sitio de sacrificio sagrado, onde os dois principios dispersos ascendem á unidade celeste... Nem sequer uma sombra da imagem espiritual do amor! — é, pelo homem egoista e bestial, e por vós mulheres famintas de vicios, um altar profanado e sujo no concubinato legal.

Nem percebestes a voz dos poetas, cantando formas perfeitas, a que a sua alma, sempre insatisfeita, aspira pelas puras criações da arte, e julgais que sois as imagens de misterios que formam a harmonia do seu pensamento; nem sentis a baixeza dos homens que vos escravisam a carne, lançando-vos lama na alma e fogo envenenado no corpo.

Julgais-vos misterio que impera como estrelas que fascinam, e não passais de carne banal onde se cevam os desejos dos que, depois de aviltarem, vos despresam e se riem. E para maior castigo, se, percebendo o logro, vos quizerdes vingar, conseguireis apenas apodrecer mais depressa.

Em verdade, pois, vos digo, que a devastação e a guerra só descançarão quando vós vos sumirdes de sob o ceo do Ocidente.

E já que sois renegadas do Espirito, como os homens, estes serão dizimados como feras e vós... como femeas apenas.

CARLOS BABO

ANTONIO SOARES
"CABEÇA DE RAPARIGA"

SONETO JÁ ANTIGO

Olha, Daisy: quando eu morrer tu has de
Dizer aos meus amigos ahi de Londres,
Embora-não o sintas, que tu escondes
A grande dôr da minha morte. Irás de

Londres p'ra York, onde nascestes (dizes...
Que eu nada que tu digas acredito),
Contar áquelle pobre rapazito
Que me deu tantas horas tão felizes,

Embora não o saibas, que morri...
Mesmo elle, a quem eu tanto julguei amar,
Nada se importará... Depois vae dar

A noticia a essa extranha Cecily
Que acreditava que eu seria grande...
Raios partam a vida e quem lá ande!

ALVARO DE CAMPOS

CANTICO

Ó creações da alma! Ó simbolos de luz
Da Verdade absoluta! Estrela dos Reis Magos!
Ascenção de Jesus!
Ó sereias do mar, ninfas dos lagos!
O' sibilas á entrada da caverna
N'um mysterioso ataque repentino,
Interrogando a noite e a sombra do Destino
Gelada e sempiterna!
Doidas sacerdotisas espectraes
N'um tragico delirio
Que vos fazia ouvir os deuses imortaes
Como atravez d'um somno aflicto de martirio!
Profetas da Judeia, êrmos anunciadores,
Impetos de alma a arder sobre o futuro incerto!
O' lividos perfis vestidos de explendores,
Leões de Jeovah bramindo no deserto!
Viviana e Merlim. O' fadas deslumbrantes,
Corpos de sombra e luar fugindo entre o arvoredo;
Espiritos de luz, longinquos, sempre errantes,
Que creis, visto de perto, a inercia dos rochedos.
Chuva de oiro que outrora um ventre fecundou...
O' Christo no Thabor,
Quando extranho clarão teu corpo aureolou!
O' Moysés no Sinai, em frente do Senhor!
Eneias sobre o mar que o vento encapellava...
Brutas rochas ouvindo, a tua lira, Orfeu!
O' barca de S. Pedro onde Jesus pregava
Com sua mão direita erguida para o ceu!
O' entrada na triste e má Jerusalem!
Verdes palmas! Hossana! O' doce jumentinho!
O' sagrado perfil voltado para além...
O' luminosos pés poeirentos do caminho!
Tragica sexta feira! O' tumulos abertos!
Escuridão sinistra e clamorosas maguas!
O' coluna de fogo e nuvens, nos desertos,
Espirito a boiar sobre as profundas aguas!

Esfinge de granito,
O' monstro do silencio e da melancolia!
« Fiat-Lux », maré doirada do Infinito
A crescer, a crescer, em ondas de harmonia!

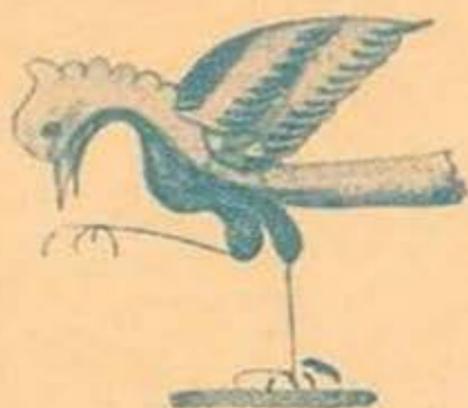
Não mais conceberás, humana creatura,
estas lendas que são de sempiterno encanto?
Nunca mais sonharás, ó pobre terra escura
Embalada por outro inatingivel canto?
O teu rosto já velho e encarquilhado,
Não ha-de reflorir de novo. Nunca mais
Primavera, alegria e sol anunciado,
Nem voz de oiro rasgando as trevas infernaes?
Nunca mais se ha-de ouvir a musica dos ninhos,
Em nosso coração aberto á luz dos ceus?
Nunca mais, nunca mais, na poeira dos caminhos
Ha-de fluctuar, ao vento, a tunica dum Deus?

O' simbolos de luz, imagens da Verdade,
O que resta da vossa antiga claridade?
Que cinza será hoje a branca aparição
que Madalena outrora deslumbrou?
E que silencio é hoje a voz misteriosa
Que tu, Santa Cecilia, em pleno circo ouviste,
Quando terrivel féra monstruosa
Lambeu as tuas mãos, ao ver-te suave e triste?
E' hoje aquela voz o canto das estrelas,
A divina harmonia em que se espalha a luz
E o queixume das arvores, por entre elas
Ter existido uma arvore que foi cruz!
E é o silencio de amor
que vive em cada grito
O silencio que aumenta o cantico da Dor,
Para que ele se torne um cantico infinito!

Ah, tudo o que existiu de belo e de divino
Refugiou-se, a tremer, nas almas dos rochedos.
Virgem, teu pranto é hoje o orvalho cristalino,
A tua fé, Cecilia, ampara os arvoredos.
O teu sangue, Jesus, vertido no Calvario
Da lampada d'um astro é o mistico alimento.
Pelo azul, teu perdão vagueia solitario,
Teu ultimo suspiro é hoje a voz do vento.

Almas que desejais um pouco de Verdade,
Procurae-a num lirio ou numa rocha dura.
Vivem num ramo em flor os gestos da ternura
E d'ele cae, na terra, a sombra da piedade.

TEIXEIRA DE PASCOAES

lenha

A arvore de Natal da minha infancia,
Entre outras da floresta, foi escolhida
Pra ser rainha uma só noite, erguida
A' luz dos candelabros da Arrogancia.

Olhavam-me os brinquedos a distancia
Vassalos do meu Querer! A meza ungida
Pela ceia ritual; e o Sonho e a Vida
Servidos na baixela da Abundancia!

Depois, — é que eu não sei como foi isto:
O motivo da festa, que era o Cristo,
No presépio morreu entre desmaios.

E a Arvore — rainha quasi nua —
Foi atirada para o meio da rua
Para aquecer a ceia dos lacaios!...

FORTUNATO VELEZ

FRANCISCO FRANCO
"ESCULTURA"

FIDALGUIA CHRISTÃ

LENTAMENTE se extinguia a vida do nobre fidalgo do Ramalhal, senhor de muitas terras e casais.

Pela janela aberta do quarto de altos tetos artezoados, erguido o corpo em fofos almofadões, via do leito a paisagem risonha tam querida dos seus olhos de apagado brilho.

Monteiára rijo n'aquelas serras distantes de denteiadas cristas a toparem nos céus, arqueiando o dorso erriçado de espessos arvoredos.

Todas as casas que alvejavam no pendor da montanha, ou meio escondidas entre a folhagem densa do vale, alegrado pelo rumor das azenhas e pela limpida transparencia das aguas do rio, pertenciam-lhe por direito de herança. Os rendeiros haviam prosperado á sombra das generosas concessões que o amo bondoso equilibrára com ponderada e sensata administração.

N'aquela linda manhã de primavera, depois de uma noite de dolorosa vigília, o senhor do Ramalhal meditára profundamente.

— Se a morte se avisinhava, na rapida vertigem do declive fatal queria findar seus dias, encarando o lance derradeiro com a serenidade dos justos.

Recordando o passado remoto, como lhe fôra descuidada a mocidade, longas e recreativas as viagens por terras distantes; e, depois, no regresso ao burgo natal, o casamento com a prima dos Louriçais, encantadora na casta simplicidade, noiva tam formosa que até as flores do rosal pareciam mais viçosas e louçãs e as larangeiras evolavam um mais grato perfume, ao ve-la passar palpitante de amor, enrubescida de comoção.

Sucederam-se anos de inenarravel ventura!

Vieram os desgostos ensombrar aquela morada serena de quieta beatitude.

Lá estavam no cemiterio, entre esguios ciprestes, dormindo o eterno sono a esposa adorada e o filho estremecido.

— Para que lhe servia andar n'este mundo, mortas as ilusões, quando já era impossivel ver no horisonte um luzeiro de esperança.

Logo que o mordomo apareceu mandou chamar o capelão. Demorada foi a conversa.

A custo se levantou determinando que o vestissem.

Desejava ouvir a ultima missa, na capela do seu Solar, no lugar d'honra. Depois desceria á egreja porque tinha que dizer aos seus rendeiros.

Como fosse domingo ninguem faltou ao chamamento do sino alegrando o ar fino de vibrações festivas...

❦

❦ ❦

O varandim da tribuna enriquecia-se de rendilhados lavores. Refulgiam no altar-mór as primorosas talhas.

Um antepassado trouxera a pedra da ara da cidade santa de Jerusalem, onde fôra em peregrinação de penitencia. O Christo de marfim pregado na cruz de precioso ebano viera, havia seculos, da India misteriosa. Ardiam os lumes em candelabros de prata massiça. O padre revestido resou a missa lançando a bençam sobre os fieis ajoelhados e contritos.

O senhor do Ramalhal desceu da tribuna amparado pelo mordomo.

Um casaco de lã felpuda agasava-lhe o corpo magro. Isolava-se o altar mór do resto da capela por um gradim de torcidos em pau ferro.

Junto á parede erguia-se uma cadéira antiga. No aspaldar forrado a gualdamacis abriam rosas de purpura e oiro; e na cercadura avolumavam grossas cabeças de pregos amarelos.

Alí o sentaram, a face voltada para os caseiros intrigados com o inesperado acontecimento. Antes da doença, que o minava, era costume seu conversar no adro, até horas do almoço.

Junto do nobre Senhor ficára o padre já desparamentado. Os fieis olhavam atentos não prevendo o que se iria passar.

O fidalgo, com voz apagada começou a discorrer sobre a vida tam fugaz na duração e tam atormentada como um dia cruento de batalha.

Decorrera a existencia com limpeza e rectidão; mas nem sempre, — se o erro se integra na propria essencia! — fôra a sua alma a morada serena do Bem e da Justiça.

Quem pode afogar em si a vaidade; delir o orgulho, resignar-se ante as contrariedades, humilhar-se sem quebra de brio e obedecendo aos impulsos do instinto fugir ao remoinho estonteador dos prazeres egoistas e crueis?

— Da noite escura nos vem os maus pensamentos originando as raizes malditas das ações violentas; e, em vez do riso alegre e da limpidez das ideias o espirito vacila nas incertezas da duvida, o tédio enfastia, o desanimo abate e o homem é como um canavial, que a agua não irriga, estiolando á clara luz do sol, amarelento e resequido.

— Os meus olhos enfraquecidos que a Terra vai cegar não mais verão a manhã risonha, o meio dia calmo, a melancolia suave do poente; e tudo o que foi o meu enlevo se dispersará, como ligeira nuvem de tenue fumo desfeita pela viração da tarde e o meu corpo mirrado por atroz doença nada mais será que ruina e podridão...

— Por certo que a ira me desvairou: e, tantas vezes senti que tam negro pecado me fez mau e a inveja me reduziu ás mais infimas proporções.

Em verdade vos digo, amigos meus, que não guardeis rancor no vosso coração. Por Deus vos peço, n'esta hora tremenda, que vos concilieis, esquecendo injurias e agravos, n'um casto beijo de paz e harmonia.

Andas tu, e apontou um dos caseiros, alheiado do teu lar, longe da mulher que te deu a delicada flor da sua inocencia. Vê-a, sempre fiel no abandono, chorando a miseria a que a votaste, moirejando do alvorecer até á noite escura, agarrada aos filhos gerados no ventre que fecundaste, unico consolo da sua desolação.

— Outro, que me escutas, porque levantaste calunias contra o visinho inocente, só porque a colheita foi mais farta e o quinhão mais favorecido?

— Porque andas tu, Maria, entontecida pelos zelos a premeditar vinganças que chamam a desgraça ao teu tugurio?

E vós, pobres cabecinhas loucas, sonhando riquezas e atavios, porque vos deslumbra a vista extasiada, o luxo efemero das que se perdem no labirinto das ilusões mentirosas, vinde para o bom caminho e olhai que a ave nasceu para voar e o homem para o trabalho.

O sacrificio exalta os humildes; n'ele se geram as cousas grandes e maravilhosas; a estrada por onde ele vos guia será limpa de pedras agudas que não ferirão os pés calejados pela duração da marcha e erguerá no vosso peito a coragem que vos defenderá da espada impia dos vossos inimigos...

A face amarelecida do fidalgo do Ramalhal enrubesceu e a respiração acelerou-se mais ofegante.

Um raio de luz coada através do vitral iluminou-lhe a ascetica cabeça.

N'um derradeiro exforço ergueu-se da cadeira para cahir de joelhos sobre o marmore frio. A sua voz debil balbuciou uma suplica e dos labios secos e descórados uma palavra se ouviu: — Perdão!

O padre e o mordomo ergueram-n'o e levaram-n'o inerte e desmaiado.

Os caseiros sentindo cahir nas suas almas rudes e simples o orvalho dulcificante de um grande amor abraçaram-se, chorando, abalados por uma piedosa comoção.

Novembro, 1922.

EDUARDO PIMENTA

BERNARDO MARQUES
"MALTEZES"

O MEU CHINEZ

Nos olhos de sêda
traçados em viez,
tem um ar tão sensual
o meu Chinez...

Vive sobre uma almofada
de setim bordada,
pintado a côres.

A's vezes
numa ansia inquieta
que eu não mitigo,
e que me domina
num sonho de poeta
ou de heroina,
fujo levando
o meu Chinez comigo!

E lá vamos!
Nem eu sei
para que alcovas orientaes,
em que paizes distantes,
realisar
as horas sensuaes,
as horas delirantes
com que eu sonhei...

. . . .

Eu e o meu Chinez
temos fugido tanta, tanta vez!

JUDITH TEIXEIRA

sur l'AMOUR sur les FEMMES HONNETES ...et sur les AUTRES

La femme honnête qui vient de quitter le lit de son amant, retrouve son honneteté en remettant son chapeau.

Le lit est quelques fois le berceau et d'autres fois le tombeau de l'amour.
Je ne sais pas si cela a été dit par d'autres, avant moi, mais... cela ne change absolument rien.

D'habitude, un homme s'interesse à une femme jusqu'à ce qu'elle se donne à lui. La femme, au contraire, commence à s'interesser à l'homme après s'être donnée à lui.

L'amour commence par des promenades dans les rues, dans les parcs, dans les «fives o'oclocks», continue dans une chambre et finit par des promenades dans les rues, dans les parcs, dans les «five o'oclocks»...

En amour, il y a des silences qui raprochent et des silences qui separent.
En amour ce n'est pas la parole qui exprime les choses essentielles. C'est le silence.

Je soupçonne fortement que ce n'était pas le diable qui presentait aux ascétes dans le désert des visions de femmes nues... mais que c'était leur propre imagination.

Lorsqu'une femme vous prie, après les caresses d'usage, «de ne pas abuser de sa faiblesse» vous avez des chances, en lui obeissant, de passer pour un être noble, mais vous avez beaucoup plus des chances de passer pour un inbecile.

En amour, lorsque c'est la femme qui est l'ésclave il n'y a pas d'ésclave plus soumise, mais lorsque c'est elle qui est le tyran, il n'y a pas de tyran plus cruel.

Soupçonner à tort continuellement d'infidelité sa femme où sa maitresse est pour un amoureux le seul moyen infaillible d'arriver à avoir à la fin raison.

C'est un conseil que je donne aux femmes qui veulent voire longtemps leur mari amoureux d'elles: ne jamais se montrer devant lui en train de faire leur toilette.

Lorsqu'on voit la cuisine d'un restaurant on a beaucoup moins envie d'y manger.

❦

Ce n'est pas lorsqu'on s'aime qu'on se montre tel qu'on est. C'est lorsqu'on commence à se detester.

❦

Celui qui n'a pas aimé, ne se connait pas tout entier. Il ne sait pas de quelles noblesses où de quelles lâchetés il est capable.

❦

C'est lorsqu'un homme trompe sa femme qu'il l'éstime le plus. C'est lorsque la femme trompe son mari qu'elle le meprise le plus.

❦

Le plus grand bonheur comme le plus grand malheur en amour c'est d'avoir de l'imagination.

❦

On ne sait jamais quelles tragedies peuvent en resulter du fait qu'un époux où une épouse parle haut durant son someil.

❦

La femme n'est pas un être pratique. Mais lorsqu'elle est, c'est avec une sorte d'acharnement.

❦

Un homme quittera son ami s'il fait un acte deshonnete. Une femme ne quittera jamais son amant pour cela. Et ceci, non pas toujours par amour mais uniquement parceque ces choses ne lui font aucune impresion.

Ceci demontre que la femme n'est pas un être moral où immoral mais tout simplement amoral.

❦

Un homme peut tromper sa femme sans cesser pour cela de l'aimer. Une femme jamais.

❦

Une femme pourra vous aimer par pitié, mais elle ne vous le pardonera jamais.

❦

Un homme dira toutes ses pensées, tous ses secrets à une femme. Une femme ne les dira jamais qu'à une autre femme.

❦

J'ai connu un mari qui me disait: — «Moi je suis tranquille, je ne peux pas être trompé, ma femme est laide.»

Comme s'il ne pourrait pas y avoir au monde d'autres personnes avec le même gout que lui, — et même pire.

❦

Neuf fois sur dix, l'homme aime la femme pour elle même. Neuf fois sur dix, la femme aime l'homme pour d'autres raisons que lui même.

L'homme a toujours une tendance de compromettre la femme qu'il aime et qui soit belle et elegante. Il ne le fait pas exprès. C'est uniquement par un obscur instinct de se faire remarqué qu'il est aimé par cette femme belle et élegante.

La moindre chose que la femme, généralement, apprécie chez l'homme est une belle intelligence.

On commence dans sa vie, avec idée fixe, par désirer la Femme. Et on finit par ne désirer que les Femmes, — mais sans idée fixe.

Certaines femmes ne nous auraient pas interessés si elles n'étaient pas les femmes des autres.

Si un amour dure, — c'est que quelque chose est encore insatisfait en nous.

Pour aimer jusqu'à la folie une femme, il faut être ou un grand sensuel, ou un grand imbecile.

Dans les pays du Nord même les femmes sont un peu hommes. Dans les pays du Sud même les hommes sont un peu femmes.

Ce que les femmes ont plus d'à propos, sont les larmes.

Pardonner à la femme qui vous a trompé, continuer à vivre avec elle, ce n'est pas surhumaine : c'est inhumaine.

Nous pensons que les femmes sont les esclaves de la mode. Si vous saviez quels services elle leur rend!...

Il n'y a de profond chez la femme que le futile.

Lorsq'une femme se donne sans trop de résistance, nous éprouvons toujours une sorte de desillusion.

La vraie coquette est non pas celle qui se mèt en frais pour être admirée, mais celle qui se mèt en frais pour s'admirer elle même.

Toutes les separations sont douloureuses ; même celles que nous avons désiré.

Le caractère de la femme évolue jusqu'à l'age de 18 ans. Après il s'arrête. Quelque fois même il fait machine en arrièrre.

Il n'y a que la femme qui peut comprendre la femme. Et encore...

Un noveau costume fait paraitre l'homme «neuf». Un nouveaux costume fait paraitre la femme... «nouvele».

Dans toute femme il y a plusieures femmes. Même physiquement.

On se résigne à tout — même à être marié.

Le lit conjugal est le mausolée de l'Amour.

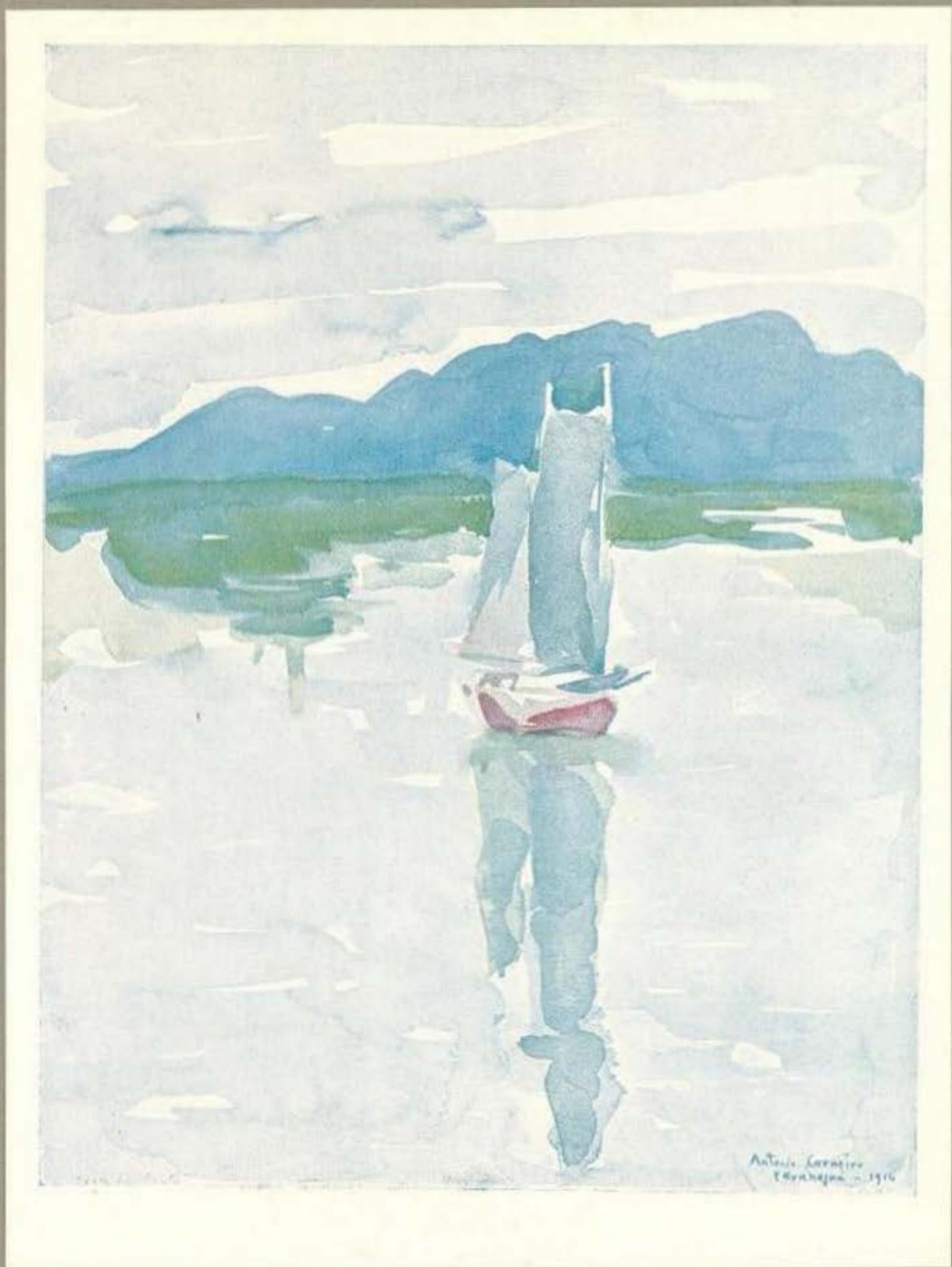
Il y a quelque chose qu'une femme deteste plus encore que dire du mal d'elle; c'est ne rien dire du tout.

L'homme va d'habitude droit à un but. La femme, au contraire, va en zig-zag. Ce qu'elle est plus près de la Nature. La Nature ne connait pas de lignes droites.

Les seules armes qui n'ont jamais changé dépuis des temps immemoriaux, sont celles de la Femme. Et pourtant elles sont toujours nouvelles.

Même la femme la plus honnête aime à sentir que quelqu'un la desire. Mais elle croit de son devoir de s'offenser.

C'est aimer que de desirer une femme aprés l'avoir eut.

COSTAS OURANIS

ANTONIO CARNEIRO
"AGUARELLA"

GESTA DA RAÇA

I
MUMADONA

A' hora em que o trabalho se abandona,
sentada em tua torre com nobreza,
tu és rezando, ó velha Mumadona,
a bôa avó da terra portuguêsa!

Nome de pergaminho que emociona,
— desses de grande inicial acesa,
não ha nenhum assim de antiga dona
tão belo como o teu em singeleza!

Passa as contas, gótica senhora.
E enquanto a luz se extingue scismadora,
tu ficas-te suspensa a contemplar . . .

Não sabes bem dizer o que tu sentes.
Isso que importa? As lanças reluzentes
darão um dia forma ao teu pensar!

II
SONETO DA CONQUISTA

O' grandes cavaleiros afonsinos,
bailando no terreiro da capela,
deixai moças da Maia e verdes pinos,
que é tempo agora de saltar p'ra sela!

E rompe a galopada ao som dos sinos,
— e galga matagais que a morte gela.
Os que tornarem, graves peregrinos,
irão depois em voto a Compostela.

"Por Santiago!" — E a terra se dilata.
O Tejo na distancia é como prata,
a cuja orla a hoste se detem.

Brilha o sinal de Christo sobre os peitos.
E os cavaleiros, sempre insatisfeitos,
voltam scismando no que está p'ra além...

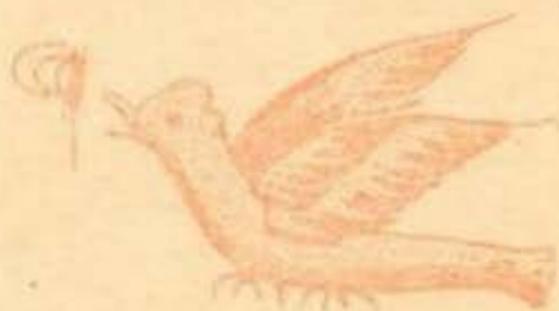
III

VELHO CANTAR

No rude figueiral, no figueiredo,
no rude figueiral um dia entrei!
Pois seis meninas, como num degredo,
fôram os figos que eu ali achei!

"Meninas lindas, de rostinho quedo,
quem vos maltrata e com tão dura lei?"
Ai figueiral, meu rico figueiredo,
valha-me o ramo que eu de ti cortei!

Ai, figueiral, meu figueiredo amigo,
qu'é das meninas do rimance antigo,
mais saborosas que o jantar do Rey?

Eram p'ra outro: — eu as livrei cantando!
Mas não me quis nenhuma desse bando,
por quem no figueiral um dia entrei!

IV

O FORAL

"In nomine Dei Patris..." — *E começa*
o lento e já cançado pergaminho.
Ainda é tempo de Moirama espessa,
ainda o Leonês é mau visinho!

Ganhou o Rey a vila. E sem que o peça,
deu-lhe foral em mostras de carinho.
Tributos, de os pagar, não tenha pressa,
— e cobre mais um tanto sobre o vinho.

Virá de Santarem ou Salamanca
(Mestre Herculano, vê se o descriminas!)
a geração longiqua do foral?

Assim, desfeito, a letra quasi branca,
foi dado a certa vila entre colinas,
mais velha de que o velho Portugal!

V

PORTUCALE

Junto do rio, o burgo amuralhado
contempla as aguas com profundo gozo,
— torres christãs, românico portado,
e o castro ao cimo, rude e pedregoso.

Um coração que bata compassado
lembra, batendo, o velho burgo ancioso.
E o burgo oscila como que embarcado,
— oscila sobre as aguas em repouso.

Chamou-se Portucale o burgo antigo.
A' flor das ondas, a scismar consigo,
é terra ainda e já pertence ao mar...

Nasceu depois um reino pequenino.
E porque herdou do burgo o seu destino,
tomou-lhe o nome, ao ir-se baptizar!

VII
POEMA DOS VILÕES

Eu cantarei os velhos povoadores,
— gente do homizio e rude vilanagem,
que, á sombra dos castelos protectores,
fôram lavrando todo o chão selvagem!

Por seu poder de eternos semeadores,
as vilas se enraizaram na paisagem.
E em vindo a primavera, sofredores,
lá iam p'ra o fossado,—p'ra a carnagem!

Ninguem lhe sabe o nome ingénuo e tosco.
Mas quando o pão nos santifica a mesa,
são esses bons avós que estão comnosco!

Sem eles, tristes, a puxar o arado,
a nossa terra, — a terra portuguêsa,
ficara sempre um negro descampado!

VI
O NOBILIARIO

Começa a geração em D. Fruela.
E vem depois um conde incerto e vago
que numa noite negra de procela
filhou a moça que ia a Santiago.

Do gótico barão, por via dela,
outro barão nasceu maior que um drago.
Foi tronco de robusta parentela
e diz o nobiliario que era gago.

Seguem-se algumas folhas já sumidas,
onde nos faz menção de tantas vidas
a tinta já sem forças, amarela.

E é tudo quanto resta, porventura,
do gótico barão que em noite escura
filhou a moça que ia a Compostela!

VIII
A REDONDILHA

Quando nasceu, ao pé do verde pino,
ainda Portugal, se não me iludo,
era um condado incerto e pequenino,
sem Quinas nem Castelos sobre o escudo.

Tanto sorri num Auto vicentino,
como soluça num cántar miudo...
Será talvez mais velha que imagino,
— mas que leveza a que depõe em tudo!

Barão portugalés da Reconquista,
ou homem tosco do Senhor Infante,
— o mesmo sonho a vida nos embala!

Qualquer que seja a alma em que ele assista
— guerreiro, trovador ou mareante,
é sempre a redondilha a sua fala!

ANTONIO SARDINHA

EL MONASTERIO

a ANTONIO SARDINHA

Luchando contra el mal, porque el pecado
Se incuba dulcemente en la pereza,
Los monjes blancos rompen la maleza
Y abren la tierra con el lento arado.

Tiene el campo tranquilo y sosegado,
De un verso de Virgilio e a belleza;
Sentado en un alcor, Bernaldo reza
Por la paz de su gremio bien amado.

Se enciende en rojas lumbres el poniente;
Del nuevo campanar del monasterio
Toca una esquila, convocando a coro;

Cierra el abad Bernaldo su psalterio
Y, con amor, contempla largamente
El santo enjambre y la campiña de oro.

En Segovia a XXX de Septiembre
de MCMXX anos

EL MARQUÉS DE LOZOYA

JOÃO VAZ
"MARINHA"

A CABEÇA POR MARIO SAA

PENSAR é retardar o esquecimento; é o treino no sentido do encadeamento. Para se ser «grande» basta fazer do cerebro um alambique! — Como a propria grandeza é especialidade! Como todos os «grandes» são pequenos!... São eles muito? São eles pouco? — São eles as duas coisas: «Muito pouco»! Que nos deve importar o melhor ou o peor? Não ha grande nem pequeno, não ha dimensões: cada coisa é uma coisa «em si»!

Pensar é retardar-se; pensar é o Tempo. O Tempo é uma conquista da Doença, é a debilidade que se olha si propria!

Longa é a noite quando a chuva é meuda, longa é a estrada da Vida para aquele que analisa os proprios passos.

Vivo na morte dos meus dias; se os meus dias vivessem eu não viveria.. existiria! «Existir» é persistir, «viver» é passar; — agora o mundo não existe, vive!

... Existir vivendo!!!... — quem realisaria este paradoxo?

Fui reduzido á condição de vivo, desci da Existencia a esta passagem!...

Grande é o caminho para aquele que olha para seus proprios pés; o Tempo é a transformação do caminho em pés!

O Tempo não é correr do tempo: é tão sómente o transformar das coisas; o Tempo reside nas proprias coisas.

O Tempo é a transformação do caminho em pés; o Tempo é, portanto, impaciencia; — impaciencia é necessidade, — necessidade é doença! Doença é aquilo que o Homem come; logo, Tempo é aquilo que o Homem come! Inteligencia é, portanto, doença do estomago!

Se o Génio não fôra um nada morbido, não haveria um irmão superior a outro, pois quem gerou a um gerou o outro! Génio é excepção? — E', portanto, uma irregularidade patologica!

Escrevi outrora: «A excepção é um cruzamento de regras geraes»; — mas o que é um cruzamento senão uma excepção?!

Génio é doença e um maximo de inteligencia; logo, inteligencia tambem é doença.

A inteligencia é individual... e universal, — porque a Doença tambem é individual... e universal. Só o Inconsciente é distintivo.

A verdadeira superioridade não é inteligencia, é a intuição, — ou seja a negação da propria inteligencia.

Não ha homens superiores, ha raças superiores; ao que chamam a superioridade d'uma pessoa não é senão a enfermidade d'essa pessoa, ou então um elemento d'uma raça existindo por contraste n'outra raça!

Não ha psicólogo que não vá escurecer com a inteligencia onde dantes se aclarava sem inteligencia. O amor é ainda um vestigio de golpe de vista capaz de tirar a média de todos os valores que devem representar qualquer individuo; e haverá, por ventura, algum matematico capaz de assim medir qualquer individuo?

A «carcassa» é a pelicula do interior; não ha lufada interior que não pelisse a pelicula: toda a ideia tende a tornar-se gesto; ideia é gesto; — o que não ha é ouvidos para as falas do gesto!

Toda a forma é a epiderme das ondas de dentro... o que não ha é quem perceba as falas das ondas!... Que mesmo revelando o que não somos, nós apenas revelamos o que somos: tudo mostra o que é, ninguem pode afectar o que não é; a propria hipocrisia é um modo de ser! Olhos e boca falam mais que a boca: é a boca a expressão do temperamento, são os olhos a expressão do espirito; — o que não ha é ouvidos para as falas dos olhos.

Dantes ninguem via a côr dos seus olhos; e sabia-se pelo tacto a forma da nuca. Vieram os espelhos, veio a vista interferir onde estavam habituados a interferir os dedos, — e sucedeu que a vista acerta sempre onde as mãos não acertam com a vista!

A grandeza d'um homem não é a inteligencia, é o gosto de se libertar do Homem e da propria inteligencia: esta coisa que é gosto, desgosto e... virgula!

A superioridade é para cima, não é para os lados; — mas sabe alguem qual é o sentido de cima?... Sou pelo menos um gesto de virar a cara!

Superioridade é fugir do que não foge; não ha gesto maior que virar a cara; ainda a verdadeira superioridade é a que se transformou no proprio gesto. — Pois o que falta aos mediocres, não é a «nobreza»? aquela nobreza que descende do centro da alma e se derrama á superficie dos proprios gestos?...

Nobreza é paladar, inteligencia é intenção; a intenção artificialisa o paladar: homem intencional é provinciano.

Ninguem será nobre por compreender, mas por não compreender que compreende. «Ter graça» é um dominio natural, e o homem que medita não tem graça porque êle é apenas intenção, e a intenção é a negação do natural. — O que é pequeno tem graça?... — De entre o que é pequeno só tem graça o que «inconscientemente» se parece com o que é grande. O riso é uma irritação dos contrastes, mas uma irritação de baixo para cima; pensar é a negação da inconsciencia, é, portanto, a negação da graça.

Para produzir com intenção ainda é necessario não ter intenção de produzir.

Quanto mais um autor é extranho á Obra, mais a Obra é do autor.

Estereis dos que tentam a luz das estrelas, sem que a luz d'uma estrela os tenha tentado; porque toda a tentação de baixo para cima força a virem para baixo as coisas de cima.

O Homem não vale pelo que pensa, vale pelo que vale!... Mas... se vale, pensa!... — Mas que importa o que pensa? Que valem os filosofos? Torcem tudo para chegar ás conclusões. Toda a grande Obra é um testemunho e não deve passar além de testemunho!

Nada é necessario provar, o que queremos é sentir; e nada ha mais salutar do que sentir, e nada ha mais prejudicial do que provar.

— Nós, os pensadores, que temos demonstrado até agora?... — unicamente que pensamos!

— E a verdade, encontrámos, porventura, alguma?... — Esta: «Que temos pensado»!

Devemo-nos esforçar por não nos esforçarmos. Não procuremos. — Deixemo-nos

procurar! — Em que deva consistir o nosso esforço?...: — Numa necessidade d'ocasião. Só assim é salutifero e livre de perigo. —

— Qual o unico esforço salutar? — O que se aproxima...

Devem-me ter compreendido os que têm ouvidos de traz dos ouvidos!

Estereis dos que tentam a luz das estrelas sem que a luz d'uma estrela os tenha tentado!

Estereis dos que tentam descobrir: o melhor dos pensamentos é involuntario, o que não é instantaneo é extemporaneo!

Estereis dos que tentam decifrar: a inconsciencia é o melhor da consciencia; só os frutos maduros cahiem por si, e quando devem cahir cahiem por si!

Estereis dos homens de Pensamento porque não são alheios ás suas centelhas, e a verdadeira centelha é «fóra dos homens»!

Estereis dos que tentam a tentação!

O verdadeiro entendimento é espontaneo, e a inteligencia tornou-nos extemporaneos: tudo desacerto e conjectura! Antes a morte mas uma morte livre de conjecturas!

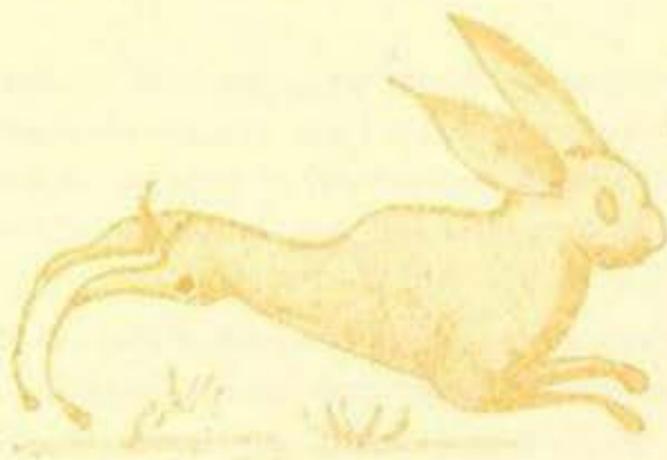
Ainda me hão-de glorificar pela inteligencia, mas tempo virá em que eu seja a vergonha dos meus descendentes!

— Mas se eu recorro áquilo que condeno, não será justamente afim de condenar o que condeno? E se ainda eu proprio sou condenavel, não será mais uma razão para condenar?

Ha dois momentos em que o Homem é criador: quando convalesce e quando adoece, — saida e entrada — tempo de passagem. A criação é a negação do estadio; é, portanto, a afirmação da excitação. A convalescença é criadora; o homem criador é convalescente, — convalescente de quê?!... — do inferno do Homem! E' uma aurora a libertar-se do seu crepusculo! D'aqueles sóes de inverno o Homem liberta-se! Oh! como o orvalhado é criador!... O cabelo orvalhado d'aquele que atravessa a noite escura vem com direito a sêr diamante ao Sol! Eu sou a Luz, porque me vou a despir da noite escura! A Luz é o dialogo das coisas opostas; a reação vale a acção do mundo para cima; a minha subida é a descida do mundo para mim; só os tortos descobrem as coisas direitas!

Sucedeu com os filosofos que grandes virtudes descobriram eles na vida, por serem um contrario da virtude da vida!

Nos que prégam encontrei o contrário d'aquilo que prégam; reconhece-se a necessidade d'uma doutrina quando se é o contrario d'essa doutrina; só o contraste é salutar para a vista.

Não é estranho que grandes ensinadores não saibam viver: em verdade só se ensina o que se sabe, e só se sabe verdadeiramente o que se não é. Se ensino é porque não sou o que ensino; — e, quantas vezes antes de me curar já eu tinha curado os que me ouviam?! Os que mandam passar... passam atraz!

À MEMORIA DE
PAULO BARRETO

"Fine apparition! My quaint Ariel!"
SHAKESPEARE

Ariel!... Ariel!... Espirito de luz,
Pura essencia do amor que eu dou á vida inteira,
— Onde é que o teu desejo ancioso me conduz,
A mim, que nem desejo a ilusão derradeira?

Ariel!... Ariel!... Meu irmão Ariel,
— Frescura matinal que em minh'alma persiste —
— Porque, sendo tão doce, és hoje tão cruel
E tentas perturbar o meu socego triste?

Ariel!... Ariel!... Tu, que sempre escutei,
Não me queiras levar de novo em teu caminho...
— Tu sabes eu que vivi, tu sabes que eu chorei
E que a vida é vaidade, e que o pranto é mesquinho...

Já não sou a paixão, o cantico, a alegria
De trazer no meu sangue a tua madrugada:
— Requeimou-me demais o céo do meio-dia,
Sou um galho sem flor, uma terra abrazada...

Fixo bem teu olhar, oiço a voz perturbante
Do teu candido apelo, em que ha força e coragem...
— Mas, se acaso disperto, é no rapido instante
Em que posso esquecer a minha propria imagem...

Vaga imagem que desce entre as cristas agudas
Onde rasgo, sangrando, as minhas ambições...
— Emquanto, Ariel, sorris; e, como o Sol, transmudas
Os pantanos de lodo em sebes de clarões!

Pobre imagem que vejo, arrastada entre as pedras,
Exanime, a chorar a Primavera exul...
— Emquanto, Ariel, sorris; e abrindo o vôo, medras
Como um grande luar para o infinito azul!

Imagem do que sou, lembrança do que fui,
Fastasma que repilo e não posso afastar
— Tua presença apaga, o teu beijo dilue
A sombra de pavor que elle deixou no ar...

Fico radiando fé, subo em azas libertas!
Ariel!... Ariel!... onde ascende o teu vôo?
Para um engano a mais, para estrelas incertas?
— Engano ou incerteza, Ariel, eu te perdôo!

Perdôo-te, Ariel, mensageiro celeste,
Alado portador da esperança futura
— Só porque me ensinaste e porque me trouxeste,
De novo, a aspiração e a febre da aventura!

Nasci para cantar como as aves contentes,
Nasci para vencer como as almas de Heroes...
— Que me importa, Ariel, se em teu apelo mentes
Quando ergues no horizonte um dealbar de soes!

Que me importa, Ariel, se na inquieta avidez
Em que busco seguir teu gesto do explendor,
— A morte não poupar o sonho, a embriaguez
De esquecer a tristeza e dominar a dor?

Que me importa, Ariel, não conhecer mais tarde
O doce recordar d'um calmo envelhecer,
Se, como o teu desejo, o meu desejo arde
No ardor de iluminar para melhor viver!

Sim, meu irmão Ariel!... Se eu, como tu, pudesse
Ser uma eterna flor de viço e claridade,
Eu pediria a Deus, submisso em minha prece,
Não a paz, nem o bem — mas a imortalidade!

Imortal!.. Imortal — para ser a beleza,
Para ser a piedade e o conforto divino,
E um murmurio de beijo, e um raiar de certeza
Sobre o Tempo que foge — e ignora o seu destino...

Ariel! Ariel!.. Meu irmão — não respondes?
Certo, a minha ambição é orgulho e desvairo...
— Já de ouvi-lo clamar na distancia te encondes,
E esqueces-me outravez na agonia em que pairo!

Pois bem: — dá-me sómente a graça fugitiva
De ser, no instante breve, um facho de vitoria:
De ser a labareda, impetuosa e esquiva,
Que brilha, e explende e aquece, e morre em plena gloria!

Dá-me somente o enlevo, o sonho passageiro
Que me aprenda a altivez de não chorar de rastros...
— Mas acende em fulgor meu secreto brazeiro,
E levanta, num grito, a sua chama aos astros!

Volta, irmão Ariel, ao meu destino, volta!...
Espirito de luz — regressa, fala, insiste...
— Não me deixes morrer sem desprezo ou revolta,
Não me deixes viver no meu socego triste!

E se te ofende ainda este orgulho vehemente
De abrazar de chimera a minha imperfeição,
— Lembra-te como é vil e baixa e rude a gente
Entre a qual, miserando, errou meu coração...

Lembra-te que só tu és meu irmão na vida,
Só tu és generoso e só tu és fiel,
Ariel!... Ariel!... Mocidade perdida!...
Sonho de puro amor!... Meu irmão Ariel!...

JOÃO DE BARROS

O logar

20 e tantos annos de trabalho honesto não tinham conseguido modificar-lhe a vida, a modestia do vestuario, as refeições a horas certas n'aquelle pacato restaurante da rua dos Douradores.

Pontual no emprego onde não subia de logar, habituara-se a gastar consoante o que ganhava, sem que nunca um desiquilibrio de orçamento lhe fosse espectralisar as noites — sempre iguaes — no seu quarto alugado com janella sobre os telhados, olhando o Tejo.

A sua vida corria, pois, tranquilla, sem elevações, anonyma, sem quédas, honesta, consciente.

Durante largos annos, invariavelmente, ás onze da manhã e ás sete da noite, elle almoçava e jantava n'um cantinho — sempre o mesmo — do restaurante da rua dos Douradores. Depois do jantar, aceso um cigarro, eil-o que ambulava pelas ruas, medindo as horas, sempre alheio a qualquer pensamento complicado, sem um fremito de desejo, nem de sonho, nem de ambição!

A sua vida era um horario cumprido á risca, sem uma hesitação.

Uma noite, um amigo — um colega de carteira no escriptorio, — levou-o ao Tavares tomar café. Desde essa noite, mal acabava de jantar no restaurante da rua dos Douradores, aceso um cigarro, eil-o que subia devagar, o Chiado, e ia para o Tavares beber o seu café, gozando um pouco da profusão dos espelhos n'aquelle ambiente doirado de luxo comercieiro.

Foi esta a unica alteração que elle fez, no horario tranquillo da sua vida calma.

* * *

O anno passado, fechadas as contas no escriptorio, os patrões deram-lhe uma gratificação e quinze dias de licença.

A gratificação allucinou-o. Elle que era tão calmo, tão normal, sentiu-se nervosamente comovido com esse excesso de dinheiro que assim lhe vinha escangalhar o programa dos seus habitos.

Sentiu, pela primeira vez na sua vida, o delirio das montras; nervoso vagabundeou pelas ruas, sentindo a cada passo um desejo indomavel de comprar tudo que via. Um vento de ambições encapellou-lhe a alma. A multidão anonyma levou-o no turbilhão indifferente dos seus multiplos aspectos. Viu o luxo, as mulheres, as côres, o sol, e, como ferro em braza — a tentação queimou-o.

Agora queria viver a Vida! Mas vivel-a toda, aureamente, como todos aquelles que elle via perpassar ligeiros, com um sonho esmaltado nos olhos ambiciosos. Admirou-se mesmo de nunca ter pensado assim!

E era a febre, quasi o delirio a ensopar-lhe o corpo. Redopiou pelas ruas todo o dia, toda a tarde. Esqueceu-se de almoçar.

Quando veio a noite, quando a luz electrica substituiu a do sol, cansado, pensou em jantar, e, talvez por influencia d'esse dia passado em pezadello, lembrou-se — e achou justo e certo — ir jantar ao Tavares, onde, até então, só tinha tomado, todos as noites, a sua modesta chavena de café.

Foi, pois, ao Tavares e com um certo nervosismo na voz, pediu a lista ao creado.

Instantes depois o creado voltava, trazendo-lhe a lista dos telefones.

Um arripio correu-lhe a espinha! Aquelle creado — viu n'um lucido instante — era um aviso de chamamento á Vida!

Agradeceu a lista e tremulo, com as mãos geladas, esquadrinhou uma morada á tôa... Depois saiu rapido, e como de costume, foi jantar no canto habitual do pacato restaurante da rua dos Douradores...

AUGUSTO FERREIRA GOMES

COLUMBANO
"UMA REUNIÃO EM LISBOA
HA QUARENTA ANOS"

INFANTE

a VEIGA SIMÕES

I

Baby! Socega a tua voz. Não digas mais
essas canções do mundo. Deixa que eu esquêço
que fui menino ao colo dos seus pais.
Deixa! que o coração em si mesmo o adormêço...

Com olhos de creança olho os desiguais
dias e nuvens, sós, passando, e empalidêço...
Canto de Prometeu todo desfeito em ais!
E a vida, a vida até, brinquedo que aborrêço...

Mundo dos meus enganos como a desventura!
Exp'riencia,—pobre fumo! Anela o meu cabelo
e põe-me o bibe azul e antigo da Ternura...

Que a vida, essa Babel desfeita que se embala,
ainda é pra mim,—creança de Deus—pezadelo
da infancia das fanfarras, fogos de Bengala!

II

Minh'alma é como um rei de fim de império,
cujo reinado triste entre esplendôres,
— narram livros em brumas de mistério —
acabou em pastor das suas dôres...

Por vales de saudade errou; funério
foi seu destino e signo entre temôres.
Fulgura em seu olhar um Alhambra aério:
c'mo das fontes a mais casta, entre flôres...

Deu-te o Vento Mau,—Casa do Passado!
Perdeu o rei o casco, o elmo, os cothurnos,
pendida a fronte sôbre o seu reinado.

Pairam nos jardins ásas de falcões...
Assim eu sou por êsses ceus nocturnos
como esse rei partindo os seus brazões!...

III

Dá-me o sol sobre a minha fronte. Doloridos
e chagados meus pés descalços vão fugindo...
— Memorias dos meus doidos passos incontidos!
— Ó meu rumor do mundo em petalas abrindo!

Ó côrças que correis pla tarde desferindo
O balido ligeiro que alonga os ouvidos...
— Tarde de écloga e mel silvestre reluzindo...
—Minhas vinhas de vinhos de oiro não bebidos...

Desfolham-se ilusões e vão-se sem apegos...
Murchou a flor dos meus desejos com que pude
a vida transformar em ócios e socêgos...

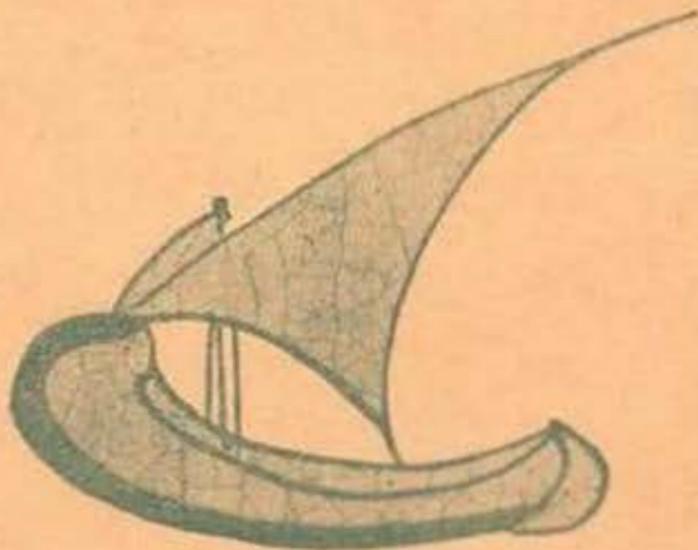
Que lucrei, eu, Senhor, com horas execraveis
dum sonho que perdeu meu corpo de virtude?
— O prodigo que fui dos êrros inefaveis!...

IV

Tu, Deus e Senhor! Tu bordão do Mundo!
Meus êrros, ai! são beijos que te dou...
Tu, Rosa d'amor! Teu olhar jocundo
é luar na Gomorrha do que eu sou...

Mas eu, teu filho indigno, os pés te inundo
de rosas! Foi o beijo que gerou
meu triste sêr, talvez meu corpo imundo,
— sorriso que em teus labios se aclarou!...

Senhor! Senhor! É esse o pão e o vinho
da minha dôr — a chama que se esgarça
como flâmula triste em desalinho...

Porei no teu regaço a fronte impura...
— a fronte que se queima como a sarça...
Tu, que eu tateio em minha noite escura!...

LUIS DE MONTALVOR

MEIO DIA

Hora pujante, o sol a pino,
E a vida toda é todo um himno
Que eu sei de cór!
Todo o misterio, certo ou incerto,
E' uma chama que anda mais perto
Do meu teór.

Muda o compasso... Sabôr a vida!
Fructa carnuda, deliciosa
Para os teus dentes!
Deixa levar-te, cintura erguida,
Minha cigana amarela e rosa,
D'olhos doentes!

Deixa levar-te, baile maninho,
Ao sol os ombros, pra longe o chaile,
Vem, que eu te ensino...
Cóme mais outro bocadochinho
Que a fructa é boa, melhor o baile
Com sol a pino.

A tua hora, cigana, é esta!
Olhos doentes, cura a doença
Comendo fructa;
Bailando á roda, no meio da festa,
Sáia tufada, toda suspensa,
Toda impoluta.

Segue bailando. No meu pescoço
Cruza os teus braços, sempre a comer,
Cantando e rindo—melhor condão...
E em acabando guarda o caroço

Com mil cuidados de o não perder
Dentro da palma da tua mão.

(Que a vida é larga e o misterio é largo!
Sonho sem geração é pobre e tôsco.
Se o fructo no caroço fôr amargo,
Cigana, isso já não é comnosco!)

Não estás cansada. Portanto anda,
Desanda e volta na sarabanda
Voltas a ésmo...
Combina as forças como estiverem,
—Que os nossos filhos, quando vierem,
Façam o mesmo...

E' lá com eles... A vida agora
Para a vivermos, é nesta hora,
E' nestes termos.
Sendo a esperança fria e cobarde,
Mais um instante, já será tarde
Para vivermos.

Deus fez o dia, fê-lo em metades,
Fê-lo com duas desigualdades,
Fê-lo com muita sabedoria...
E tendo em conta, pra seu recreio,
Todos os dias parti-lo ao meio
Pelo meio dia.

E' nessa hora que o sol descerra,
Que os teus cuidados descem á terra,
A sua grande preocupação.
Hora em que tudo se exalta e canta,
Hora em que eu quero, cigana e santa,
Que tu me tragas no coração.

E hoje é meio dia no teu regaço.
Baila portanto, faz como eu faço
Segue o que eu sigo;
Compassa os passos no sol de Deus,
Casa os teus braços junto dos meus
Para em seguida casares comigo.

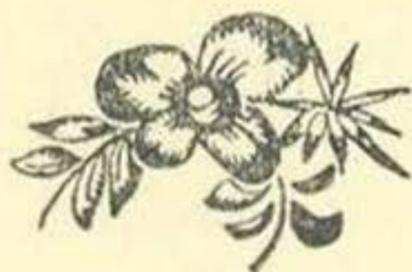
LUIS MOITA

HORA PLATONICA

Muita gente supõe que o nosso amor
É delirio de posse e de prazer,
— Como se nada mais podesse haver
Neste invencivel e fatal pendor! —

Grilhêtas, nesta vida sem valor,
Não sabem os banais compreender,
Que em vós tenteie alar-se um duplo ser,
Sedento de se unir mais e melhor.

Desejo de extêrminio em doce arfar;
Na transcendencia maxima do olhar,
Deliquio feito vôo de aza fremente,

É o mystico enlêvo em que te fito,
Arroubo de alma para o Infinito,
Onde somos um só — eternamente!

NOVEMBRO 1922

DOM THOMAZ DE NORONHA

Mestres de obras e empreiteiros, usae a

e colhereis magnificos resultados

DEPOSITO GERAL:
Rua da Conceição, 64-2.º—PORTO

LONDON HOUSE

ALFAIATARIÁ

Rua Santa Catarina, 10, 1.º
PORTO (Portugal)
Telef.: 1725

Fernando Rocha
Proprietario da Alfaiataria
LONDON HOUSE

Roga a V. Ex.ª o obsequio de uma visita ao seu estabelecimento

Souza, Moura & C.ª, L.da

CASA BANCARIA

103, Rua Aurea, 105—LISBOA

Telefone: Central 3o33 — Eudereço telegráfico: SOURA

Compra e venda de moedas, notas estrangeiras, Papeis de credito, Ordens de Bolsa, Cheques sobre as principais praças do país e do estrangeiro, Depositos á ordem e a prazo, todas as transacções bancarias.

Sempre em Armazem

CARVÃO CARDIFF,

ALMIRANTADO

"CAMBRIAN" e
"HOODS MERTHYR"
ANTHRACITE FAVAS
"NEW DYNANT"

PORTUGUESE CORPORATION OF COMMERCE, LIMITED.

LISBOA
CAES DO SODRÉ, 64
Telegrs.: CORPORATION
Telefs.: C. 5092-5093

LONDRES
LUDGATE HILL, 56
Telegrs.: APORTUCOR

ACONTECIMENTOS
EM
ARTE E LITERATURA

O Romance de Amadis
POR
AFONSO LOPES VIEIRA

ALCYON
POR
JOÃO ROSADO

Na Côrte da Saudade
(SONETOS DE TOLEDO)
POR
ANTONIO SARDINHA

SALÃO BOBONE
EXPOSIÇÃO Jorge Barradas
EM 1 DE JANEIRO

DECADENCIA
POEMAS
POR
JUDITH TEIXEIRA

Salão da Ilustração Portuguesa
EXPOSIÇÃO
Carlos Porfirio
na 1.ª quinzena de Janeiro

Ensaios de critica e estética
POR
HENRIQUE DE VILHENA

Salão de Araujo & Bastos
EXPOSIÇÃO ANTONIO SOARES
em 26 de Dezembro

CONTEMPORANEA AGRADECE o inexcedivel zêlo e rapida execução em 13 dias do presente numero, devido ao esforço de JOSÉ PAULO DO SACRAMENTO, Director-técnico, e de todo o pessoal da Imprensa Libanio da Silva.

É COMPOSTA e IMPRESSA
NA
Imprensa Libanio da Silva
SUCESSORES
SOUSA & GOMES, L.DA

Travessa do Fala-Só, 24
LISBOA
Telefone N. 3110

MEDALHA DE PRATA
Exp. Indust. do Porto de 1897
DIPLOMA DE HONRA
Exposição da Imprensa 1898
MEDALHA DE PRATA
Exp. Univ. de Paris de 1900
MENÇÃO de 1.º GRAU
Concurso 1903-904 em Turim
organisado pela casa Nebiolo
MEDALHA DE PRATA
Exp. do Rio de Janeiro 1908
MEDALHA DE OURO
Exp. Artes Gráficas de 1903
MEDALHA DE BRONZE
Exp. Artes Gráficas, Leipzig,
de 1914